

FON FON



Gato Preto, Gente Bem, Champa-
nhota e muitas outras novidades
em fantasias para o Carnaval de 56
são apresentadas neste número.

Rio de Janeiro, 28 de Janeiro de 1956
A Revista Feita Para o Lar
Ces 7,00 em todo o Brasil — N. 2547





Minha Mãe



FON-FON
A REVISTA FEITA PARA O LAR

DIRETOR - PRESIDENTE:
André Sérgio da Silva
DIRETOR-RESPONSÁVEL:
Ary Sérgio da Silva
DIRETOR - TESOUREIRO:
Cyro Vieira Machado

★
ENDEREÇO:
Administração, Redação e
Oficina:

Rua Pedro Alves, 60

TELEFONES:

Gerência e Publicidade:
23-5180. Redação: 23-6282.

Contabilidade: 43-1527.

Caixa Postal 97.

End. Teleg.: FON-FON.

Representante em S. Paulo:
Gabriel Pereira — Rua Xa-
vier de Toledo, 141, 2.º and.

★

REDAÇÃO

SECRETÁRIO: Martins Ca-
pistrano. **REDADORES:** El-
cius Lopes e Bastos Portela.

★

Venda avulsa Cr\$ 7,00

Número atrasado Cr\$ 8,00

Número atrasado
pelo correio! ... Cr\$ 8,50

**PREÇO DAS ASSINATU-
RAS EM TODO O BRASIL**

Porte simples:

Ano (52 núm.) Cr\$ 360,00

Semestre
(26 núm.) Cr\$ 180,00

Registrado:

Ano (52 núm.) Cr\$ 400,00

Semestre
(26 núm.) Cr\$ 200,00

★

Distrib. para todo o Brasil:

FERNANDO CHINAGLIA

DISTRIBUIDOR S. A.

Av. Presidente Vargas, 502

19.º andar

★

**AS ASSINATURAS COME-
ÇAM E TERMINAM EM**

QUALQUER MÊS

Tiragem desta edição:
70 000 exemplares.

MARTINS CAPISTRANO

A última sexta-feira desse ano intranquilo e amargo de 1955 amanheceu chorando no pranto da chuva que, desde a véspera, caía, melancolicamente, sobre a cidade vestida de amargura e de cinza. Já me preparava para sair, para enfrentar o mau tempo e mergulhar no meu destino de todos os dias, quando me veio às mãos o cabograma com a mensagem dolorosa: "Faleceu mamãe. — Olga".

Minha pobre irmã, que te acompanhou e te velou, fielmente, até o instante final, comunicava-me, com essas duas palavras, que eram, por assim dizer, uma síntese de sofrimento e de ternura filial, a tua partida para a viagem definitiva. Parara o coração de quem, durante longos anos, distribuíra a bondade e o perdão, o amor e a humildade cristã a quantos tiveram a ventura de sentir a fascinação e as virtudes de tua alma de mulher.

Nunca pensei, minha mãe, que tão subitamente Deus te chamasse para seu reino eterno, deixando-nos aqui desarvorados e sem proteção com a perda irreparável. Tinhas tanto entusiasmo e tanta vibração diante da vida! E eras tão necessária àqueles que te queriam e se abrigavam na tua placidez!

Minha Mãe! Vieste a este mundo com o dignificante encargo de amar e consolar. E aqui só viveste como um exemplo de pureza moral.

Para os filhos, todas as mães são boas. Mas quem te conheceu de perto, e pôde refugiar-se naquele halo de simplicidade e de doçura, que te circundava a figura e os atos, não deixará de colocar-te na galeria das mães que melhor souberam cumprir sua missão, entre os homens. Porque eras, invariavelmente, a mesma para quantos se aproximavam de ti. Porque tuas atitudes mansas e nobres e teu carinho envolvente nunca se modificaram ao contacto do bem ou do mal.

Não exagerei os teus atributos apenas porque sou teu filho. Desde os quinze anos vivi longe de ti, sentindo tua presença somente nas cartas, que me escrevias. Entretanto, jamais deixei de sentir-me, confortadamente, tão perto de ti como nos fagueiros tempos em que me arrumavas e penteavas o cabelo de menino insatisfeito e tímido e me davas o almoço antes da aula de Dona Júlia Nogueira, naqueles distantes e radiosos dias do curso primário, na aldeia natal. Lembro-me bem dos teus cuidados, das tuas preocupações e dos teus sacrifícios, quando vias triste ou doente qualquer um de teus sete filhos, reduzidos depois a seis, com a morte da Zuizinha, a que só resististe pela tua formação cristã. Dir-se-ia que procuravas transferir para teu espírito e para teu corpo a nossa tristeza e a nossa enfermidade. Como te considerarias feliz, se isso pudesse acontecer!

Fora do lar, não te mostravas diferente, minha Mãe. Sempre te detinhas, generosamente, compassivamente, abnegadamente, junto da aflição e do desespero, para aplacá-los e consolá-los. Nunca te foi indiferente a dor alheia. Teu incomparável espírito de renúncia e de

(Conclui na página 12)

O PRIMO CANUDOS

Conto de LEÃO RUDÁ

Desde pequenina que Clarita a conhecia. Lembrava-se do seu vulto curvado sobre as costuras, fazendo longas toalhas, lençóis, uniformes para as criadas. Dona Joaquinha era o seu nome. Nunca ouvira dela uma palavra em tom mais alto, uma expressão mais sua, uma reação mais nítida contra os acontecimentos da vida. Ela era a que aceitava tudo, desde o feijão com arroz diários até as brutasas com que a copeira a maltratava, sentindo nela uma criatura indefesa. Dona Joaquinha fazia um sorriso triste — sempre aquele sorriso tão triste! — e continuava a serzir meias, ou então, raa, raa, a tezoura la cortando os panos alvos, estendidos na mesa larga. "Isso aqui dá dois lençóis para as criadas", dizia Dona Maria Clara na sua voz autoritária, de quem está habituada a não ser contradita. Se o pano não dava, era preciso dizer com doçura, que ela podia zangar-se. Mas Dona Joaquinha possuía essa rara ciência: a de nunca desagradar. Para tudo tinha um assentimento, um baixar de cabeça, cheio de

resignação. Se não estava completamente de acordo, sorria. Mas, na verdade, sempre concordava, ou fazia por isso.

Clarita cresceu vendo-a sempre na saleta das costuras, três vezes por semana. Fazia parte do fundo de sua vida familiar. Dona Joaquinha tinha um cheiro triste de velha reumática, mas era boa e às vezes trazia-lhe balas. Fazia os seus borsitos avestais, com barras coloridas, pois que Dona Maria Clara declarava-se inapta para "esses pequenos mistérios caseiros sem significação".

Depois que Clarita se casou e dona Maria Clara estava ainda muito novo. Não havia necessidade de morrer, quase nunca Dona Joaquinha aparecia. O enxada grandes concertos. Uma vez ou outra é que a velha ia a visitar, levando-lhe umas mangas maduras, um sabonete, uma pequena lembrança que fazia a moça sorrir, meio comovida. Como iam as finanças? perguntava ela à velha — costurira. Dona Joaquinha sorria. E aquele sorriso

queria dizer que iam muito mal. Então, certo dia, num acesso súbito de generosidade, Clarita ofereceu-se para dar-lhe, mensalmente, a quantia de 10\$

— Vou também pedir às minhas primas que façam o mesmo.

E falou com algumas, em cujas casas Dona Joaquinha também havia costurado. Dona Joaquinha ficou, pois, com 40\$ por mês e uma desmedida gratidão pela sua benfeitora.

Passados os tempos, o reumatismo da velha agravava-se. Já não podia trabalhar. Vivia encurralada no seu quarto pobre, aos fundos duma casa, numa ruazinha tranquila de Botafogo. Como era perto, Clarita ia, de quando em quando, vê-la. Entrava rápida, ligeiramente amedrontada pelos possíveis contágios. Sentava-se ao canto da cama esticadinha da velha e conversava sobre o tempo, a doença de Dona Joaquinha, dava notícias das condições. Aceitava com complacência os elogios que a ve-

lha lhe fazia, deixava os 10\$ e safava-se. Estava cumprido um dever de caridade. Por um mês estava livre de remorsos nesse sentido. Até se faltava à missa, lembrava-se de que, afinal de contas, visitara Dona Joaquinha.

Numa dessas visitas, Dona Joaquinha, que já não trabalhava mais, falou-lhe do seu passado. Mostrara-lhe algumas cartas velhas, uma de dona Maria Clara quando a mandara chamar para as costuras, outras de amigas mortas, que tinham acabado por aí, por esse mundo de Cristo, sabe Deus como. E entre as lembranças que voltaram à luz naquela tarde, veio às mãos de Clarita um estranho retrato amarelado pelo tempo. Representava um soldado em plena pujança da idade e da saúde, com vastos bigodes e sobrancelhas cerradas.

— É o meu primo de Canudos... explicava Dona Joaquinha, baixando os olhos.

— De Canudos? interessara-se vagamente Clarita. Combateu lá? Conte-me isso...

Dona Joaquinha bateu nervosamente as pálpebras e com a mão deformada pela doença guardou cuidadosamente a velha fotografia no fundo da mala.

— Não... Para que? A senhora não o conheceu... Está morto há muitos anos.

Caiu uma tristeza compacta sobre o acanhado quantinho. A tarde escureceu repentinamente. E Clarita aproveitou para ir-se embora.

Mas, no caminho da casa, ia pensando naquela revelação. Dona Joaquinha também fora uma criatura que amara! Aquilo peito estreito, sempre tão cuidadosamente recoberto de chales espessos, também palpitava nos estos da paixão! Era um pensamento quase grotesco, esse de imaginar dona Joaquinha apaixonada pelo primo que combatera em Canudos.

Nem sempre Clarita podia levar pessoalmente a mensalidade de Dona Joaquinha. Seus afazeres e obrigações sociais eram tantos! Mandava por uma empregada, com umas frutas ou qualquer roupa velha.

E assim foi que, tendo passado uns meses sem a ver, foi encontrá-la, um dia em estado bastante adiantado de sua enfermidade. Ficou mesmo penalizada ao encontrá-la, toda encarunguejada, toda deformada pela doença. Mal podia levantar-se. Já não tinha quem lhe fizesse a limpeza do quarto e, ao reconhecer a necessidade do seu recolhimento a um asilo, rompeu a chorar.

O mal, porém, entrou a galopar e o momento chegou, que a velha tanto temia. Clarita providenciou sua remoção. Nesse dia não pode acompanhá-la. O asilo era longe, e tinha uma reunião na Associação de Auxílios aos Necessitados — a A A N, uma instituição de caridade recentemente criada, de que era sócia benemerita e fundadora.

Como o asilo estava situado do outro lado da cidade, Clarita ia sempre adiantando a sua prometida visita à velha e, dessa maneira, esta não pode mais receber a mensada. A moça sabia pelo telefone que ela estava bem instalada, mas que não melhorava da doença.

E um dia uma irmã de caridade telefonou-lhe, dando a triste notícia. Dona Joaquinha falecera. Devia ser enterrada naquela tarde. Clarita enxugou uma lágrima mas não compareceu ao enterro. Justamente o Uchôa — o seu marido — oferecia naquela noite um jantar ao diretor de um banco. Durante o jantar, Clarita esteve brilhante, de verve e graça, mas deitada, no silêncio da noite, voltava-lhe à lembrança, a cada momento, a figura extenuada de Dona Joaquinha. Telefonaria no dia seguinte ao asilo, para informar-se com segurança do número de sua sepultura.

(Continua na pág. 47)



A vida social de Clarita tornou-se avassaladora. O marido substituiu de posição e estava ganhando mais. Ela foi eleita Presidente da Associação de Auxílios aos Necessitados...

A AMIGA INCÓGNITA

Conto de
M. PRYGE

— ONDE VAIS PASSAR AS FÉRIAS? perguntou Anita.

Estava caindo num restaurante com Paul. Era uma jovem alta, magra e elegante, cabelos negros e brilhantes presos num coque, na nuca. Inclinando a cabeça, fez de modo a que se lhe notassem os formosos brinços de ouro. Paul, alto, loiro, de tipo um tanto rústico, porém com inegável atração, contemplou Anita com a admiração de sempre. Antes de responder, pensou um instante. Se dissesse que ia passar as férias na China ou na Índia, Anita logo diria que, por acaso, seus pais pensavam em levá-la a aqueles mesmos lugares. Paul gostava muito de Anita; mas desejava ficar algum tempo sozinho, para poder pensar longe da influência da bela moça, para ver se de fato sentia por ela uma paixão suficiente, a ponto de ficar noivo. Por isso, respondeu:

— Acho que não será interessante para ti o lugar para onde vou. Hotel Ozonc, em Melville, à beira-mar.

— É estás certo de que não vou gostar desse lugar, Paul?

— Não sei; mas para mim é um recanto encantador. O hotel é pequeno, mas com tantas comodidades como no mais luxuoso da cidade. Sua dona é viúva de um militar e tem com os hóspedes atenções dignas de um Ritz, e ao mesmo tempo a intimidade da melhor das pensões.

— É que te fez resolver ir para um lugar assim?

— O desejo de tomar banhos de mar, desfrutando ao mesmo tempo dos prazeres da vida campestre. Melville é um lugar privilegiado, que goza de ambas essas qualidades. Depois do banho, muito cedo, pretendo vagar pelos campos, levando a merenda numa cestinha.

Anita achava que, já que Paul estava ganhando tanto dinheiro, bem podia escolher lugar mais luxuoso. Mas nada disse, porque não queria contrariá-lo, e porque fosse ele para onde fosse, ela iria contente, porque estava por ele apaixonada.

— Suponho que à noite irás aos concertos e diversões.

— Para dizer a verdade, ir sozinho a esses lugares não me atrai de todo.

Paul costumava ir com Anita a esses espetáculos. Nessa mesma noite haviam ido a um deles.

— Se quiseres, irei passar uns dias no Hotel Ozonc, em Melville.

— Tentando! replicou ele, com mais cortezia do que mesmo com prazer.

Não estava, na realidade, muito certo de estar contente, pelas razões acima ditas. Queria saber de que classe eram os sentimentos que ela lhe inspirava.

O Hotel Ozonc ficava a certa distância da praia, no meio de um jardim encantador. Deixam a Paul um quarto amplo, limpo, cheio de luz e ar. O serviço era muito bom; a cozinha, soberba.

Na primeira noite, foi deitar cedo. No dia seguinte, estava de pé às sete. Na praia, experimentou a mesma sensação de sempre. O mar exercia sobre seu ânimo inegável atração. Na manhã seguinte encontrou uma jovem tão bonita que logo a apelidou de Sifide. Esta, ao notar que Paul entrou na água no mesmo lugar por onde ela ia entrar, retrocedeu, ligeiramente perturbada, e afastou-se. Paul correu e disse-lhe:

— Não, senhorita, não entre por aí, que há muita lama e areias movediças, o melhor lugar é por onde a senhorita ia, a princípio.

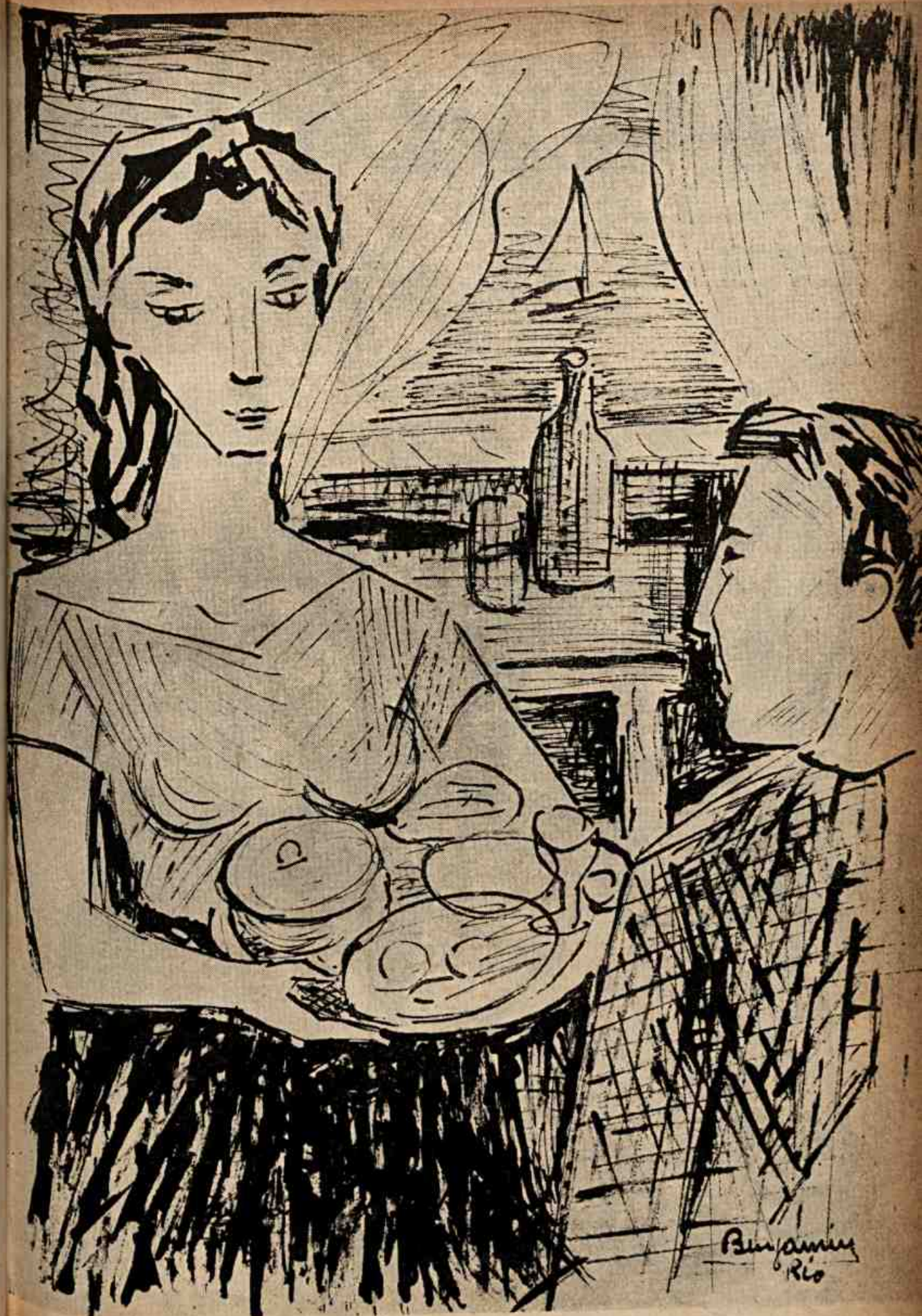
— Muito obrigada, disse ela, e voltou-se para o outro lado. Paul viu-a afastar-se, não sem admitir-lhe a beleza do rosto e das suas formas esbeltas e harmoniosas. E entrou na água, para inspirar-lhe confiança. Um quarto de hora mais tarde, vendo que Sifide deixara os sapatos de borracha na praia, levou-os galantemente a ela. A moça agradeceu-lhe com um sorriso e Paul se animou:

— Amanhã volta ao banho de mar?

Não percebia o que lhe estava acontecendo. Nunca perguntara uma coisa assim a uma moça com tanta ansiedade, nem sequer a Anita.

— Acho que volto, esta é a melhor hora para tomar o banho, não acha?

No dia seguinte, talvez cansado pelo seu primeiro dia de férias, pelo passeio no campo ou pelo ar marinho, Paul demorou em acordar. Correu para a praia, mas chegou dez minutos depois do que queria. Já Sifide se cansara de nadar, e estava deitada na areia. Paul aventurou um tímido "bom-dia". E como lhe respondesse com um sorriso, Paul perguntou se a água estava fria e ela moveu a cabeça negativamente. Paul meteu-se na água, num elegante mergulho. Mas
(Continua nas páginas 44 e 45)



O **ADVOGADO** foi introduzido pelo guarda. Examinou, sem esconder a sua curiosidade o rosto daquele preso, que nunca tinha visto, mas que á primeira vista se lhe apresentava como um homem são!

— Vim aqui oferecer-me. Eu serei seu defensor. Espero que não tenha dúvidas e que deposite em mim o máximo da confiança!

O preso fixou-o com ar sorridente e depois respondeu: — Não é questão de ter confiança. Julgo que não vale a pena um advogado de renome se preocupar com uma causa tão sem importância!

— Sim, de fato não se trata de um grande crime. Reputo fácil a sua defesa. Mas sem-

Os dois



Ladrões

Conto de

PLÍNIO MENDES

— Jure pelo roubo o senhor pode apanhar de 1 a 3 anos...

— Três anos? O sr. não acha exagerado? Mesmo assim seria uma maneira fácil de eu ser sustentado à custa do Estado ao menos uma vez na vida, já que não sou funcionário público ou autarquico, nunca recebi dos cofres da União...

— Meu amigo, diz o advogado, você acha pouco arrebatar um relógio de ouro com corrente e tudo do colete do Comendador Saraiva, um homem rico, amigo dos pistolões da época e ficar impune?

— Depende, sr. dr. Pois que impunes estão aí todos esses ladrões e assassinos! Alguns, ladrões de casaca que assaltam o Banco do Brasil, o IAPETEC etc, outros que são mandatários de crimes como o da rua dos Toneieiros, e que entretanto ficam impunes... Como vê, sr. dr., esse negócio de punição é muito vago no Brasil.

— De acordo, responde o causidico, e vejo que estou tratando com um ladrão com certos conhecimentos... pelo menos um ladrão que lê jornais.

— Mas, sr. doutor, todos os ladrões devem ler os jornais, pois só pela imprensa é que conhecemos os grandes chefes e os ladrões maiores... Além disso eu restitui o relógio roubado! Afinal, se eu desejasse mesmo correr, o barrigudo do Comendador Saraiva, jamais me alcançaria... Sou moço, forte, faço ginástica nas horas vagas. Ele é um velho, desses que se casam com brotinhos e depois se queixam...

— Conte-me, em detalhes, para facilitar-me a sua defesa. Será que o sr. roubou e imediatamente se arrependeu?

— Não, não posso. O que sei dizer é que não era minha intenção roubar esse relógio... nem me passava pela mente... mas...

— Mas...

— Não posso; creia sr. doutor que não posso! Agradeço de todo o meu coração o sr. ter vindo aqui para me ajudar, mas, confesso que não posso e nem devo falar...

— Não diga isso, meu amigo. Vamos de vagar. Não há pressa.

O sr. sabe que no Brasil não há pressa. Conhece o dr. Carlos Cristiano da Silva Novais?

— Nunca ouvi semelhante nome.

— É um grande amigo meu. Foi ele que me deu notícias do seu caso policial e que me pediu para defendê-lo, custasse isso o preço que custasse...

Além disso mandou-me, ele entregar-lhe estas duas notas de mil cruzeiros!

— Não. Não aceito dinheiro e muito menos de desconhecidos. Que é que eu faço com essa "dinheirama" aqui, na cadeia, agora?

— Calma. Seu nome?

— **Januário**, 44 anos, profissão: mendigo, não tenho residência fixa. Ora na Igreja da Candelaria, ora na Igreja N. S. da Boa Morte, ora na Catedral... São as horas dos meus ex-

pedientes muito variadas, pois dependem muito da missa de defuntos ricos...

Ademais, para que o sr. insiste em saber isso? Um pobre homem, acostumado a mendigar viu uma certa manhã que o chapéu só tinha 2 moedinhas de 50 centavos, dessas "Getulinho". Desvairado vê uma barriga perto de si, uma corrente que presume ser de ouro, um homem des-cuidado olhando para todos os lados, zás: Rouba-lhe a corrente e o relógio vem junto... Coisas que acontecem...

— Não, meu amigo. Essa sua história está mal contada. O senhor não é mendigo de profissão... O sr. tem sua instrução. Deve pertencer a alguma família boa...

— Mas o que é que tem com isso a minha família sr. doutor? Eu sou um homem que há 27 anos estou no Rio de Janeiro. Vim do interior de S. Paulo. Nasci em Campinas, a terra do Carlos Gomes e do Cezar Bierrembach e outros vultos... inclusive o meu. Minha família não entra neste caso! Além disso o sr. sabe que a família sempre atrapalha quando chamada em assunto dessa natureza. Além disso, se eu resolvesse a contar essa história que o sr. está doído por saber que podia eu ganhar com isso?

— Além desses dois mil cruzeiros, mais dois que é o preço que eu daria para fazer uma defesa na altura!

— Sr. doutor. Desculpe que lhe diga mas está querendo que eu cometa mais um desses mandamentos condenados pela Igreja... Não sou um homem ambicioso, mas 4 mil cruzeiros nesta altura dos trabalhos, confesso que é bom preço pago pela história, em si. Peço apenas que jure que não vi narra-la à curiosidade jornalística... Tenho muito medo das manchetes dos jornais... Nem sempre estar ali é estar em posição decente ou aristocrática, pois hoje muita gente que se supunha gente de bem, aparece com seu nome, mesmo que sejam os do tal CAFE SOCIETY. Não é?

— Juro que não conto nada à ninguém!

— Muito bem. Passe para cá os dois mil cruzeiros que me mandaram. Os outros dois, o sr. pagará se a história tiver valor. Tá?

O prisioneiro aceitou o cigarro "Douradinho-Extra" que lhe era estendido pelo advogado e começou assim a sua história... "o fato ocorreu, sábado passado, ali pelas 14 horas..."

— Desculpe! Mas desejava que o sr. me desse mais pormenores de sua vida, pois não acredito nessa história de mendigo de profissão...

— Va lá. Temos tempo?

— O que quiser...

— Sim, eu tenho mais do que o curso secundário. Estudei no Mackenzie College em S. Paulo. Depois, moço ainda, na idade da ilusão entrei para uma casa bancária onde aprendi como é que se rouba o próximo. Era de um italiano rico, que já morreu, mas que nunca tivera o que se chama escrúpulo... Era um aproveitador do povo! Falsificava bebidas, além de rou-

(Conclui na página 46)

O menino que enlouqueceu

de amor

Novela de EDUARDO BARRIOS (Escritor chileno)

RESUMO DOS CAPÍTULOS ANTERIORES: O menino, conversando com um amigo da casa, aprende a fazer um diário no qual revela a sua paixão por Angélica, moça por quem chora de ciúmes quando a acompanha à rua com o namorado. A família preocupa-se com o estado de saúde do jovem apaixonado, que está nervoso e triste. Ele passa a odiar Jorge, o namorado de Angélica. Briga com os irmãos e procura a solidão, onde se pode entregar aos seus sonhos precoces e inúteis.

CAPÍTULO III

Há quinze dias que Angélica não vem. É muito esquisito. Não tenho ânimo nem para escrever o meu diário. Não durmo, não estudo, nem posso fazer nada em paz. Antes eu tinha insônia só quando ela vinha e me abraçava, ou quando tinha má notícia dela; mas agora é isso todas as noites, todas as noites que Deus dá... Nem sequer posso escrever! E como não durmo sinto a cabeça atordoada e não faço outra coisa senão ficar triste. E o coração me dói... Angélica, minha Angélicazinha, vem, vem, vem...

E ter que ficar de corre e corre todas as noites com esses brutos dos meus irmãos... É terrível! Mas Mamãe...

Pois se já não dormia. De dia, caíndo de sono, e de noite, nada, sem fechar os olhos até sabe Deus que horas. Mas estava sendo tolo! como é que não tive a idéia antes? Uma coisa tão simples. Um pouquinho de nervos, e pronto. Às cinco, quando sai do liceu, passei por sua casa. Ela estava na varanda. Ai! quando a vi da esquina, senti uns golpes na cabeça, por dentro, e uma falta de respiração, e logo fiquei frio, muito frio... E pisava no chão e me parecia que ia andando no ar, e fiquei com as pernas como que amarradas. Já em frente à sua casa, tirei o chapéu, muito sério. E ia passando ao largo. Seria bruto? Se não fosse uma coisa esquisita que me moveu como uma mola, ia passando ao largo... Como foi?... Não me lembro, quase... Angélica falou-me da varanda, acho. Sim, foi assim. Eu estava tiritando, com aquele frio tão gelado que me entrou, e não ouvi senão um ruído, uma confusão nos ouvidos que estremei e por pouco que

não gritei, de pura impressão. Então, parece que me aproximei e ela me perguntou que estava fazendo por ali, se tinha feito gazeta... E eu, sem responder uma palavra. Até que sem saber como subi correndo para sua casa. Que terão dito todos lá? Mas não me pude conter. Não deixei que me abraçasse. Isso não! Assim, que não lhe podia ter resistido! Como eu estava naquele momento, nunca! Ofereceu-me doce de marmelo. Não quis. Pedi-lhe uma rosa que havia colocado no peito. Claro que não lhe fui pedindo logo, de supetão. Estive muito amável. Disse-lhe primeiro que Mamãe gostava muitíssimo daquelas rosas que parecem de sangue. E ela me respondeu:

— Então, leve-a para ela.

E deu-ma, e eu trouxe para minha mãe; e amanha, antes que a joguem na lata do lixo, vou guardá-la e... feliz! Ah! e depois disse-lhe o principal, por que para isso tinha ido lá: que Mamãe estava estranhando muito que ela não a tivesse ido ver havia tanto tempo, e ela me prometeu vir amanhã. Perguntou-me também se eu não a pusera de lado, se continuava a querê-la. Respondi-lhe que sim e nada mais. É que as outras ali estavam, se não fosse isso... Mas não faz mal, outro dia será; porque eu tenho que dizer-lhe tudo o que tenho pensado, que morro se ela não me esperar, tudo, tudo... Enfim, foi um gozo. Voltar quando já estava escurecendo. Como é que não tive essa idéia antes? Sofrer tantos, tantos dias...

Cumpriu a palavra. Veio. Isso sim; contou tudo a Mamãe, e Mamãe viu muito porque ela tomou a coisa como sendo uma delicadeza de minha parte, e me chamou de ^{bem}educado! Mas, caramba! passei uns bons apuros. Tive que dizer a minha mãe que esquecera de contar-lhe. E a coisa não passou disso. Foi muito bem, o que se chama mesmo muito bem-com Angélica. Disse-lhe uma porção de coisas, passeando pelo pátio das plantas; não muito claras, mas acho que depois disso já posso atrever-me a dizer a outra coisa, a grande. Isso ela tem que jurar...

Bom, hoje não preciso escrever nada. Hoje sim, que vou correr e saltar com prazer depois de jantar!

De nada a gente se pode alegrar, valha-me Deus! Já não veio mais. Não faz muitos dias, mas já me entrou de novo o desassossego, a vontade de vê-la. E já lá vão três tardes que tento passar por sua casa, e é inútil, da esquina não passo. Não sei, mas acho que dessa vez sim, que Mamãe desconfiaria. E afinal

digo eu, não seria melhor se eu dissesse tudo a Mamãe, duma vez? Pensei nisso, mas, não, é preciso pensar muito, e agora mais que nunca.

Chi! o que minha avó diria! Que sou uma criança louca, que lhes vou custar a vida, e que os meninos só devem é pensar no colégio. Como se nesse caso eu não estudasse com muito mais gosto. Estudo agora... Pois é preciso terminar os estudos para ser homem... Amanhã irei. É tão simples... Sim, daqui me parece muito fácil; mas o medo me deixa como um estafêrmo. Não faço mais do que chegar à esquina da sua casa e já estou todo treme que treme. E tremer não seria nada; o coração salta e todos os que andam pela rua me olham e me parece que descobrem minhas intenções, ou então que me tomam por um boboca. O certo é que agora não me atrevo nunca a dobrar a esquina. Quando muito, olho por entre as portas do armazém, mas como de lá não se vêem todas as janelas da casa de Angélica, fico muitas vezes sem saber nada, se ela está ou não. E o tempo passa voando. Esperemos mais um dia, e se não...

O que são as coisas! agora está vindo muito seguido. Vai à cidade quase todas as manhãs e depois vem cá, e quando eu chego do colégio, para almoçar, encontro-a repimpada no quarto de costura, de conversa, tagarelada, enquanto Mamãe serze as nossas roupas. Não lhe pude falar nada daquilo, no entanto, mas não faz mal: para que pressa? Acaso não está tudo bem assim? Estou feliz, mas muito, muito feliz. E de tarde, subo ao apartamento dos criados, porque gosto daquele corredor que dá para os telha-
Tha - (Continua)

... tomou-me nos braços e beijou-me, dizendo:

— Pobre anjinho! Que culpa tem êle?



MINHA MÃE

(Conclusão)

★

solidariedade humana levava aos desgraçados de qualquer natureza a palavra de fé e o gesto de consolação e de alívio. Foste sempre assim em todos os teus momentos.

No teu julgamento, Mãe, não havia ninguém ruim, sobre a terra. Todos eram filhos de Deus, e teus irmãos. Se alguns se transviavam, a culpa era do destino. Cumpria aos outros homens, e particularmente às mulheres, aconselhá-los e corrigi-los. Teu código era o da piedade e do perdão.

Quando um filho errava, não era violentamente que o castigavas. Sempre doce na repreensão, limitavas-te a mostrar-lhe o caminho do bem, revelando-lhe, maternalmente, que seu erro te entristecia. E todos nós, por isso mesmo, evitávamos aborrecer-te. Nossa educação, a teu lado, foi eficaz e perfeita.

Afastando-me da tua companhia, ainda muito jovem e inexperiente, eu trouxe comigo os teus exemplos, que até hoje, tantos anos depois, me têm valido de amparo e de guia neste proceloso mar, em que se debatem minhas ambições e meus desalentos.

Agora, minha Mãe, já não posso ver-te os olhos meigos e deslumbrados acariciando os meus gestos intraquiescentes, nem posso ouvir-te a voz pausada e suave aprovando ou censurando, afetuosamente, os meus atos.

Tuas lições, porém, lições de amor, de bondade e de perdão, que jamais esquecerei, ficarão, para sempre, harmoniosamente, gravadas no comportamento e no destino de teu filho, cujas mágoas e cujas indecisões sabias adivinhar e abrandar com a tua intuição materna, e que, como no soneto de Humberto de Campos, continuará carregando, amargamente,

"Esta angústia de uma árvore sem
[flores
E esta mágoa de pássaro cati-
[vo"...

MARTINS CAPISTRANO

MEDICINA TROCADA EM MIUDOS



conselho

O papel da água no organismo — Re-
ceitas contra a sede — Nos climas
quentes, o repouso é tão necessário
quanto a água — Rehidratação.

Logo depois do oxigênio, a água é a coisa mais indispensável à vida humana. Os profissionais do jejum, os Sikkis, por exemplo, provaram que o homem pode resistir mais de um mês sem engolir o menor alimento. Em compensação, os médicos citam o caso daquele operário agrícola mexicano que, em 1906, perdido nos desertos do sul dos Estados Unidos, vagou sete dias sem encontrar viva alma. Percorreu 180 kms. primeiro andando, depois arrastando-se de quatro, como um animal. Bebia regularmente a sua própria urina, e disse mais tarde que isso lhe causava "uma sensação muito refrescante". Encontrava também alívio em chupar a fivela de metal do próprio cinto. Um homem de resistência normal não sobreviveria três dias, nessas condições. E se a morte pela fome, após as calambres dos primeiros dias, é relativamente suave, a morte pela sede é hor-
rível: as dores não cessam de aumentar até um estado próximo da loucura.

Uma xícara de água adicionada de cinco colheradas de açúcar dá uma imagem fiel de nosso organismo, com a proporção exata de sólidos e de líquidos que o compõem. Um homem de 70 quilos contém, em média, 50 litros de água, que impregnam até os tecidos aparentemente mais "sólidos". Um músculo contém de água 80% do seu peso, um osso mais de 30%, e até o esmalte dos dentes 5%. Se o nosso corpo não se espalha pelo chão como um xarope, é que a maior parte dessa água, 36 litros em 50, se fixa numa espécie de geleia nas células.

Toda a água que perdemos, na transpiração, respiração ou urina, é obrigatoriamente substituída dos 14 litros restantes. Ora, uma simples partida de tênis, em plano sol, no verão, pode custar 4 ou 5 litros de suor. Por aí se imagina o esforço de adaptação que precisa fazer o organismo quando se transporta de repente de um clima frio para um clima quente. A situação é sobretudo dramática quanto às crianças de mama, cujo capital disponível não ultrapassa 1 litro e meio. Na "colera infantil", que, outrora, matava por ano milhares de recém-nascidos, a morte não era devida à infecção, mas sim à perda de água, massiva e brutal. Mesmo em perfeita saúde, uma criança no berço, num dia quente de verão, chora mais de sede do que por outro motivo, e deve-se-lhe dar de beber nos intervalos das mamadas.

Os indígenas da Austrália central, que percorrem distâncias fantásticas atravessando vários dias de caminhada pelos desertos, sem nenhum poço, durante muito tempo espantaram os brancos. Eles nunca levam provisões de água! Mas sabem limitar ao máximo as perdas do organismo. Antes de partir, enchem bem o estômago. Os 4 ou 5 litros que bebem valem mais do que o que suariam carregando a água nas costas. Só caminham à noite, quando a temperatura é relativamente baixa. Durante o dia, enterram-se na areia até o pescoço, de preferência debaixo de algum arbusto, para aproveitar a menor sombra. E cobrem o rosto com folhas.

Não basta beber para compensar as perdas de uma transpiração excessiva. Cálculos bem precisos demonstraram recentemente que o déficit nunca é coberto. Um estrangeiro no Saará perde em média 3 quilos no dia. Recupera-os graças ao repouso da noite. Mesmo nos climas temperados, cada um de nós perde cerca de 2 quilos de líquido durante os meses quentes.

Quando começa o calor, todos nós temos vontade de beber muitos líquidos. Há gente que bebe demais! e a necessidade de evacuar essas excessos de líquido fatiga o coração e os rins, os dois órgãos vitais encarregados de manter a nossa reserva de água. Assim "enxaguados" eliminam-nos pouco a pouco, com o suor e a urina, todo o sal dos tecidos, transformando o nosso delicado equilíbrio biológico. Além de um grande cansaço, essa situação anormal explica prosaicamente as melancolias em que caem as pessoas que vão para os climas excessivamente quentes. Um pouco de sal naquilo que bebem devolve o otimismo e o bom-humor. Desde a última guerra, todos os exércitos do mundo distribuem comprimidos de sal às tropas que servem nas regiões tropicais. Nos climas quentes recomendam-se os sucos de tomate, que contêm bastante sal para prevenir qualquer desequilíbrio.

Mais ajuzado ainda é evitarem-se os excessos de bebida. Para isso, imitem os selvagens australianos: façam a sesta durante as horas mais quentes (no Paraguai esse uso é corrente), escolham os alimentos contendo já bastante água, como os tomates, os pepinos, os melões. Tomem banho: um banho refresca mais que um suadoiro, e não faz o organismo perder nem uma gota de água. Se sofreram demasiado de sede, aprendam a tapeá-la. Como?

A sede é provocada pelo ressecamento da mucosa bucal. Normalmente, as glândulas salivares asseguram a humidade desse tecido frágil. Mas, assim que a quantidade de água diminui, a secreção da saliva também diminui. Ela se torna colante. O ar que respiramos parece queimar. A língua, dolorosa, apega-se aos dentes ou ao céu da boca. Sente-se uma bola na garganta, que nos força a fazer continuamente o gesto de engolir.

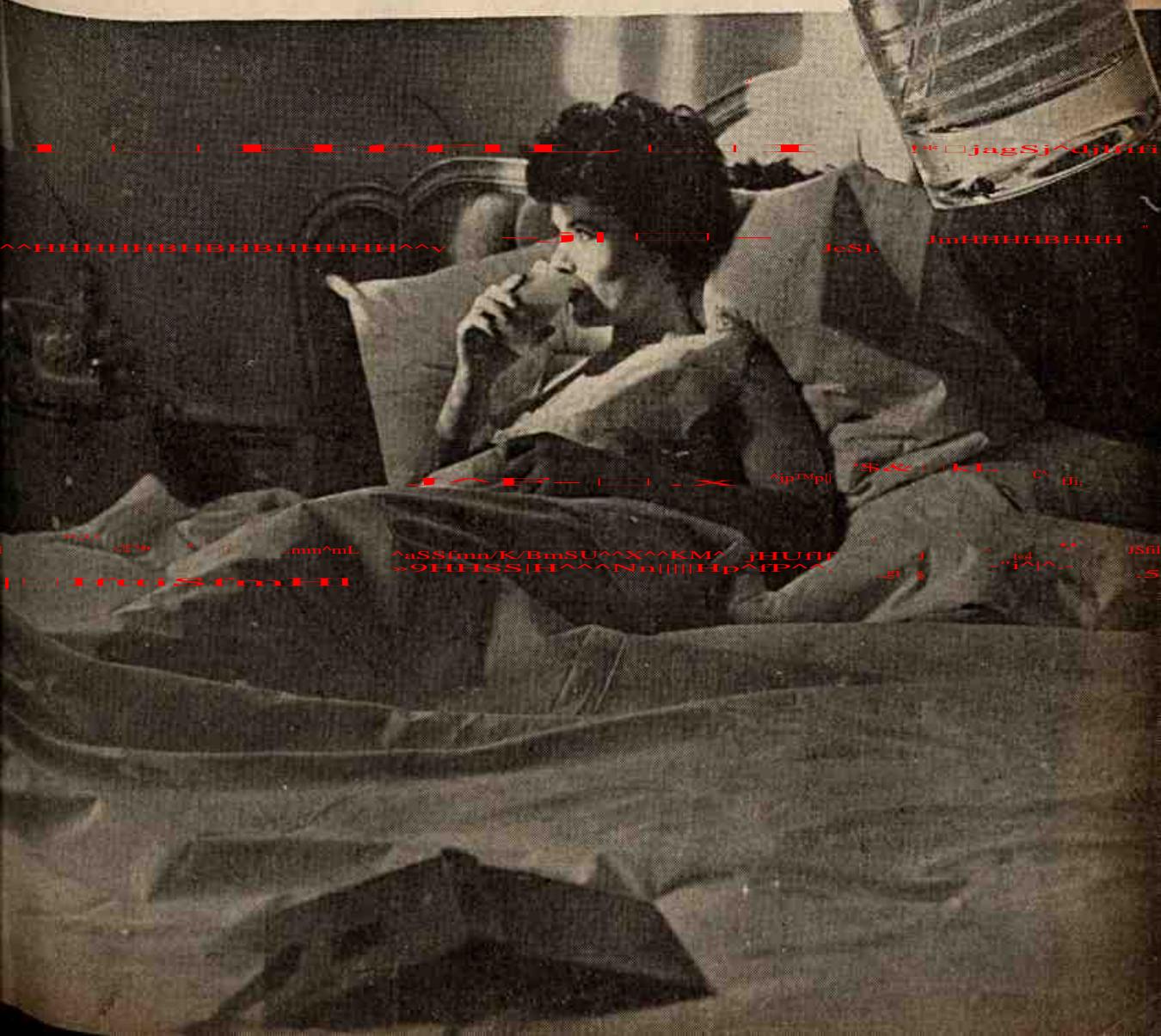
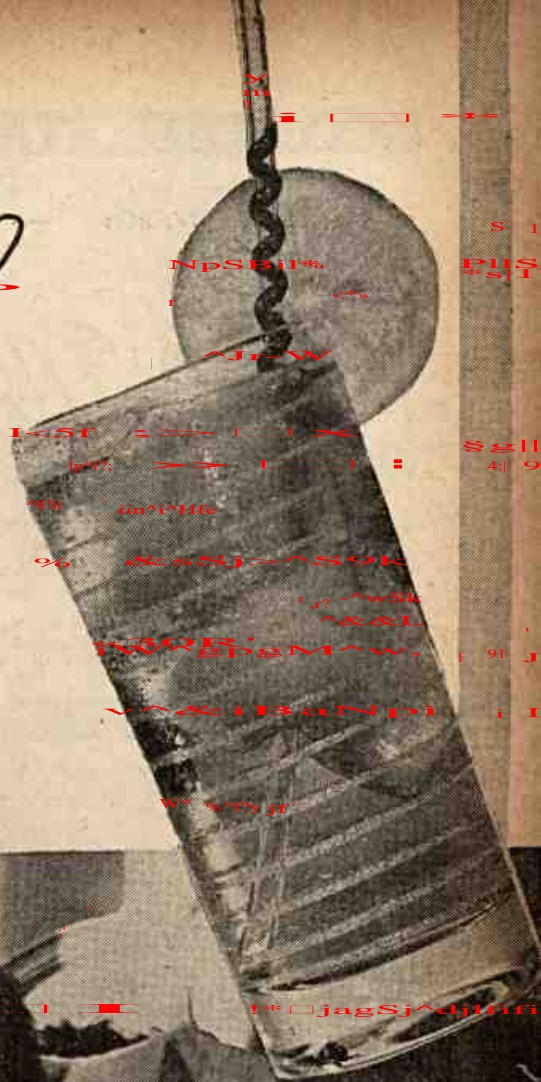
Pode ser que o sinal de alarme natural da sede não funcione. Durante a guerra, os médicos alemães verificaram que os civis levavam muito mais

para o verão

de que beber, para os abrigos, durante os bombardeios, do que em tempo normal. De fato, o medo, assim como a cólera, provoca no organismo uma descarga de adrenalina que paralisa a secreção salivar. Tem-se a boca seca sem nenhuma necessidade orgânica de beber. Ao inverso, uma embrocção de novocaína, que insensibiliza a mucosa bucal, faz desaparecer em poucos instantes a sede mais intensa. É por isso que os indígenas, nos países tropicais, mastigam folhas de cola (que contém novocaína) durante as caminhadas. Mastigar chicletes, ou as mais insignificantes das balinhas, já acalma a sede, porque a mastigação força as glândulas salivares a um trabalho suplementar. Em compensação, respirar com a boca aberta o ar ardente, ou fumar, acelera artificialmente o ressecamento da mucosa bucal.

O mecanismo que assegura o nosso equilíbrio em líquidos é um dos mais sólidos do organismo. Mas é extremamente complexo, pondo em jogo a maioria das glândulas de secreção internas. Muitas mulheres, possuindo em grande escala os hormônios sexuais, fixam a água demais durante as duas semanas que precedem as regras, para a perdarem logo depois. Elas se sentem então "inchadas", e a cintura delas até aumenta alguns centímetros. Para remediar isso, basta se abster de beber nas refeições durante essas duas semanas e banir da alimentação o sal, que retém a água no organismo. Para remediar isso, basta se abster de beber nas refeições durante essas duas semanas e banir da alimentação o sal, que retém a água no organismo. Para remediar isso, basta se abster de beber nas refeições durante essas duas semanas e banir da alimentação o sal, que retém a água no organismo.

A proporção de água no organismo, que era de 97% no embrião um mês e meio após a concepção, não é mais senão de 86% cinco meses depois. (Conclui na página 39)



Por JEANNE D'ARCY



Seis maneiras

DE TOMAR BANHO

Um banho deve ser um banho — ou não? Sempre achamos que sim até o momento de conversarmos com um médico que nos fez ver que existem diversos tipos de banho.

Primeiro, há o banho regular, numa banheira cheia de água morna e perfumada. Todas conhecem esse tipo com todas as vantagens que oferece à beleza — descanso, relaxa os músculos.

DE CHUVEIRO — Depois vem o banho de chuveiro.

É o que se toma pela manhã, procurando não molhar o cabelo. E aqui entre parântesis, é o melhor de todos porque o corpo recebe

sempre água limpa, levando qualquer vestígio do sabonete e do suor.

Os de esponja também devem ser citados, mas de modo geral, você só o toma quando não pode mergulhar na banheira, por estar resfriada ou doente. Para ele é preciso apenas uma vasilha, sabonete, uma esponja ou pano esponjoso e uma toalha para secar-se.

Nada melhor que o chuveiro para obter um banho completo. Primeiro verifique a temperatura da água. Use óculos especiais para que a espuma não caia nos olhos.



SANWICHES

CULINÁRIA DE BOM GÔSTO

Dizem que nos Estados Unidos se consomem trinta milhões de "sandwichs" por dia. Na verdade, o "sandwich" pode ser considerado como um dos elementos básicos de uma refeição normal americana. Sabe-se que quem trabalha fora não pode em geral ir almoçar em casa, e interrompe só por meia hora o seu dia de trabalho. Essa meia hora é apenas o suficiente para uma brevíssima refeição à base de leite ou chá e "sandwichs".

É lógico, portanto, que no bar, do "drug-store" e nos pequenos restaurantes caracterizados pelo "self-service" americano, haja sempre uma grande variedade de "sandwichs".

No mundo inteiro, aliás, o "sandwich" tem direito de cidadania e em toda parte se encontram "sandwichs" de vários tipos. À hora do chá, junto com os docinhos se apresentam dois ou três tipos de torradas ou "sandwichs", portanto é útil à dona de casa ter à mão umas

sugestões práticas que lhe permitam preparar numerosas variações sobre esse tema.

Eis aqui algumas regras gerais comuns na preparação de qualquer tipo de "sandwich" e que é preciso conhecer quando se deseja prepará-los em casa.

1. Primeiro é preciso escolher um bom pão cortado em quadrados, que pode ser branco ou preto, e deve ser usado não fresco mas dormido. Mas não velho, porque se desfaz. Também se podem preparar "sandwichs" com pães que podemos chamar de "fantasia", como pães feitos com nozes, de mel, etc.

2. É bom cortar as fatias tôdas iguais; se não se tiver uma faca apropriada é melhor pedir que já venham cortadas da padaria. Tire cuidadosamente a casca do pão.

3. Passe sempre manteiga nas fatias do pão, porque ela evita que o pão amoleça e se impregne quando o recheio usado é semi-líquido ou temperado.

4. Quando se deve preparar várias quantidades de "sandwichs" é bom preparar com antecedência os vários ingredientes, a manteiga especial, a salada, as azeitonas e etc. Dessa maneira não se perde tempo em procurar aqui e

dali, na cozinha, aquilo de que se precisa.

5. Quando se quiser fazer "sandwichs" com presunto, carne galinha, etc., é sempre melhor passar na máquina os vários ingredientes empastando-os com um pouco de manteiga. Assim os "sandwichs" ficam mais delicados e mais fáceis de se comer.

6. Para uma recepção de muita gente e importante é bom preparar-se ao menos quatro ou cinco quantidades de "sandwichs", para se ter um estoque de sabores diferentes. É bom ter-se também "sandwichs" de sabor picante: como os de anchova, pepino, mostarda, e os de sabor doce, como de queijo, presunto, língua, galinha, etc.

7. Se se quer apresentar "sandwichs" recheiados de legumes frescos, fatias de tomate ou pepino, é preciso prepará-los à última hora e será bom além de pôr manteiga no pão isolar os legumes entre duas folhas de alface.

8. Os "sandwichs" podem ser preparados na véspera de noite. Ponham-nos em grupos, dentro de papel e envolvidos num pano branco úmido, espremido, tudo dentro da geladeira. Os "sandwichs" assim preparados ficam ainda melhores.



short cinematográfico

DE PAULO BRANDÃO

● **VIMOS, GOSTAMOS E MERECE** ser filmado o ballet de "A Rosa da Inspiração" de autoria (libreto e música) de Homero Gelmini, com orquestração de Walter Schultz Pónto Alegre.

Homero fez a sua estréia (muito boa, por sinal). E o achado da apresentação é a menina que atende pelo nome de Marília Paula Chaves.

● À direção do Clube de Cinema do Rio de Janeiro encaminhamos uma sugestão para realizar um curta-metragem, afim de que possamos levar para o exterior os nossos conhecimentos nas difíceis artes de cinema e ballet. Parabéns à Marília Paula Chaves e à Homero Gelmini, que proporcionaram à platéia uma magnífica noite de dança.

● **OLIVIER E MARILYN JUNTO-QS!** — O diretor cinematográfico John Huston, que descobriu há cinco anos a Marilyn Monroe, anunciou que se propõe a rodar uma película com o grande ator britânico, sir Laurence Olivier, e a escultural Marilyn, nos principais papéis.

O filme se baseará em "The sleeping prince" ("O príncipe adormecido"), peça teatral do destacado dramaturgo britânico, Terence Rattigan, representada há dois anos em Londres, pelo mesmo Olivier e sua esposa, Vivien Leigh. Focaliza o regente do trono em um país balcânico e seu idílio com uma corista norte-americana.

Huston disse que tanto Olivier como Marilyn expressaram sua conformidade, porém assinalou que até o momento não se firmou nenhum contrato.

● **WATSON MAGEDO** que após o sucesso de "Sinfonia Carraca" está pensando seriamente em adquirir um terreno para construção de seus estúdios. Possui enorme grupo de refletores e novas máquinas de filmar. O conhecido realizador de musicais deverá começar breve as filmagens de "A Grande Vedette".

● **SUCÊSOS DE FILMES BRASILEIROS NA SUÍÇA** — A Legação do Brasil em Berna em colaboração com a colônia brasileira ali radicada fez exhibir dois documentários nacionais, "Aquarela do Brasil" e "Volta Redonda" que foram muito bem recebidos pelos convidados presentes. Esse telegrama de Genebra adianta ainda que na Suíça o cinema brasileiro pode muito bem conquistar novos triunfos desde que os nossos filmes possam despertar tanto interesse como aconteceu com os referidos documentários.

● **GREGORY PECK CASOUSE** — O ator Gregory Peck e a jornalista francesa Veronique Passani casaram-se.

O casal passará a lua de mel em lugar ignorado, ntes do retorno de Gregory Peck às atividades na película "The man in the grey flannel suit", da 20th Century Fox.

● **APESAR DA SITUAÇÃO** político-militar, Herbert Richers continua filmando sua primeira produção de longa-metragem, a comédia "Sítio de Baixo", com os cómicos Fred e Carequinha e a "estrela" Adelaide Chiozzo. J. B. Tanko é o autor do enredo e o Diretor desse filme em rodagem nas instalações do Batalhão de Paraguedistas do Rio.

● **O SR. DOMINGOS SEGRETO** resolveu protelar a abertura do Carlos Gomes como casa de espetáculos para "Cinema-Scope". No lugar do tradicional teatro da Praça Tiradentes, o São José fará parte do circuito independente carioca exibindo filmes em Cinema-Scope da Warner Bros.

● **LOLLOBRIGIDA DISSE NÃO!** — Um telegrama de Madrid nos dá conta de que novas tentativas serão feitas junto a Gina Lollobrigida para avé a famosa "estrela" interpretar um filme na Espanha. Um forte grupo de produtores

desejava a querida artista para o papel principal do filme-opereta "Se Fausto fosse Faustina", porém as negociações não chegaram a bom termo. Acontece que Lollobrigida pediu oito milhões pelo seu trabalho. Os espanhóis acharam muito. Fizeram uma contra-proposta e receberam um "NÃO" desse tamanho da famosa italiana.

● **NOVO ROMANCE DE GRACE KELLY** — Até bem pouco tempo se dizia que a talentosa atriz Grace Kelly, sensação do momento no cinema americano, andava de amores com o figurinista Oleg Cassini, ex-de Gene Tierney. Com Oleg Cassini Miss Kelly apareceu em muitas festas, porém, agora revela-se muito encantada com a corte que lhe faz o viúvo de Maria Montez, ou seja o ator Jean Pierre Aumont. Grace Kelly foi vista (mãozinha dada e tudo) com Jean Pierre Aumont numa das mesas do Beverly Hilton. Ela era toda sorrisos para seu amiguinho. As linguas faladeiras de Hollywood não acreditam em casamento. Ninguém espera surpresa de Miss Kelly...

● **O cinema português vem de perder um de seus grandes elementos com a morte ocorrida em Lisboa do conhecido "camera-man" António Salazar Diniz que faleceu aos 55 anos de idade e após haver conquistado o prêmio nacional de cinema pela sua fotografia na película "Saltimbancos". Vinte películas portuguesas contaram com a boa fotografia de António Salazar Diniz que foi um reporter fotográfico de valor.**

● **ALAN LADD**, que vem de concluir as filmagens de "Finger in the Sky", cine-biográfico do ás da aviação americana, McConnell, planeja iniciar muito breve "All Through in the Night", produção de sua própria companhia, a Jaguar, cujos filmes são distribuídos pela Warner Bros.

Cine teste

82



RITA GAM?
DAWN ADDAMS?
RITA MORENO?



JOAN LESLIE?
JOAN BENNETT?
JOAN CRAWFORD?



MARINA VLADY?
DANIELE DELORME?
ARLETTY?

FOTOS: CORTESIA: METRO — REPUBLIC E FRANÇA FILMES.

Para pular entrech e habilitar-se a receber gratuitamente uma foto de um famoso astro ou estrela do cinema. Mas como? Indagará o leitor... Basta que os fãs de cinema nos mandem uma carta dizendo quem são os artistas favoritos no Cine-Teste. Para facilitar a sua memória, oferecemos vários nomes, um deles é o "Premiado". E faça força para identificá-lo. As cartas devem ser encaminhadas para o seguinte endereço: PAULO BRANDÃO — CAIXA POSTAL, 97 — RIO DE JANEIRO — DISTRITO FEDERAL.

FON - FON = 28 - 1 - 1956

UM FRANCISCANO

RESOLVE UM PROBLEMA

DE ILUMINAÇÃO

Embora os mosteiros não sejam, hoje em dia, comunidades auto-suficientes como eram, muitas vezes, na Idade Média, os monges de muitas ordens continuam, com frequência, a viver independentemente do mundo exterior, sob muitos aspectos. Sempre existem, entre os monges, homens de talento e habilidade excepcionais, que põem suas qualidades a serviço da ordem a que pertencem.

Segundo se revelou, um frade franciscano desta cidade, o Irmão Berard, é um dos exemplos nêsse sentido. O Irmão Berard não é apenas monge, mas também engenheiro electricista. Quando servia aqui, no Convento de São Boaventura, projetou e construiu um sistema de iluminação para igreja que une as vantagens da iluminação moderna à conservação da austeridade e beleza do recinto sagrado. Anteriormente, a iluminação da igreja era feita por meio de lâmpadas fluorescentes do tipo industrial, insuficientes quanto à quantidade de luz e que prejudicavam a beleza da igreja.

A lâmpada projetada pelo Irmão Berard, chamada, com propriedade, Luz do Frade; é feita com painéis de vidro cõr de âmbar, dentro dos quais se encontram seis lâmpadas fluorescentes brancas de 20 watts. No fundo do conjunto há um refletor que dirige a luz para baixo, e em cima há uma lâmpada de filamento de 60 watts. Figuras em forma de anjo, de "plexiglass" colocadas na parte de fora, tornam-se luminosas, quando se acende a lâmpada.

Esse tipo de iluminação para igrejas foi tão bem sucedido — observou-se que foi também instalado na capela usada pelos frades para a leitura dos officios, três vezes por dia. A igreja, por sua vez, pareceu ter-se tornado mais espaçosa e ficou muito melhor iluminada com o sistema do Irmão Berard.

Além disso, a notícia de tal êxito se espalhou rapidamente e tantas encomendas têm sido recebidas, que as lâmpadas estão sendo fabricadas para serem colocadas no mercado.

CONSELHOS PARA O LAR

GRACIELA ELIZALDE — (Do Globo Press)

NOVA YORK — Numa de minhas últimas crônicas, escrevi, resumidamente, a cerca das relações entre cor e os tipos emocionais sobre a importância de se aplicar ao lar esse fator psicológico. Assim, a harmonia emocional se transforma num requisito para o lar ideal, do mesmo modo que a harmonia física e a harmonia das cores.

Para se alcançar e conservar a harmonia usa-se, nunca é demais salientar a importância, dos corantes. Tenho a impressão de que muitas donas de casa deixam de exigir que os tecidos que compram tenham sido tingidos com corantes que não se desbotam com a lavagem ou a exposição à luz. É prudente se verificar sempre, com o vendedor as tintas empregadas para tingir os tecidos que se vai comprar e lembrar-se que não há possibilidade de equívoco se os corantes são fabricados pela General Dyestuff.

Também pretendo abordar o problema da decoração de um aposento vermelho e o que se poderia esperar de uma pessoa introvertida fosse obrigada a viver em tal ambiente.

Como se sabe as tonalidades do vermelho assentam para o extrovertido; seu lar é um centro de atividade, que se apresenta melhor sob cores vivas e excitantes. Mesmo o vermelho brilhante pode ser usado de maneira eficaz se é tratado com discrição. Pode se pintar uma das paredes com um matiz brilhante, deixando-se as outras brancas ou quase brancas, ou equilibrar-se o colorido com amplas zonas claras no teto, soalho, lambris e adornos. A iluminação deve ser feita com cortinas que tornem mais difusa a iluminação solar e iluminação indireta à noite.

As cores cálidas costumam excitar as funções orgânicas, o pulso e a respiração. Parece lógico, portanto, que o introvertido se sentisse estimulado com uma profusão de cores vivas. Na realidade, porém, o introvertido se sente pouco à vontade num ambiente iluminado e colorido de tal maneira. A cor atua sobre seus nervos como um rádio a toda a altura.

Parece quase ilimitado o efeito que a cor pode ter sobre os indivíduos sensíveis. É conhecido, por exemplo, o caso de uma mulher nervosa, cujos padecimentos se agravavam consideravelmente, quando usava vestido vermelho e que, ao contrário, se acalmava com vestidos verdes ou azuis.

Embora muito ainda se tenha de aprender a cerca da psicologia das cores, o que se sabe já pode começar, valiosamente, para aliviar a ansiedade e o nervosismo.



Na fotografia encontramos uma interessante sugestão em estampado vermelho e branco que muito alegrará a sala de almoço de sua primorosa e confortável residência.



O SEU BOM GÔSTO...

COM PAREDEX...

E RÔLO YPIRANGA



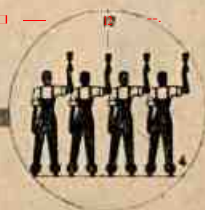
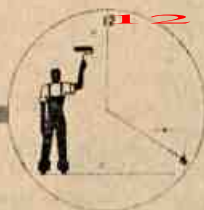
... o resultado é a renovação completa de sua casa!

Econômica, lavável, com novas e belíssimas côres,

PareDEX é a tinta fôscas ideal para interiores.

Não deixa o menor cheiro e seca rapidamente.

Consulte Edna Sales sobre seu problema de decoração. Escreva para a Caixa Postal 1.170 - Rio de Janeiro.



PAREDEX

Um produto das TINTAS YPIRANGA

As tintas mais vendidas no Brasil

Como Rôlo Ypiranga Você poderá pintar a mesma área que exigiria o trabalho de 4 homens. Estejo completo com bandeja. Rôlo de feltro facilmente substituível.

UMA TINTA PARA CADA FIM

VALETE

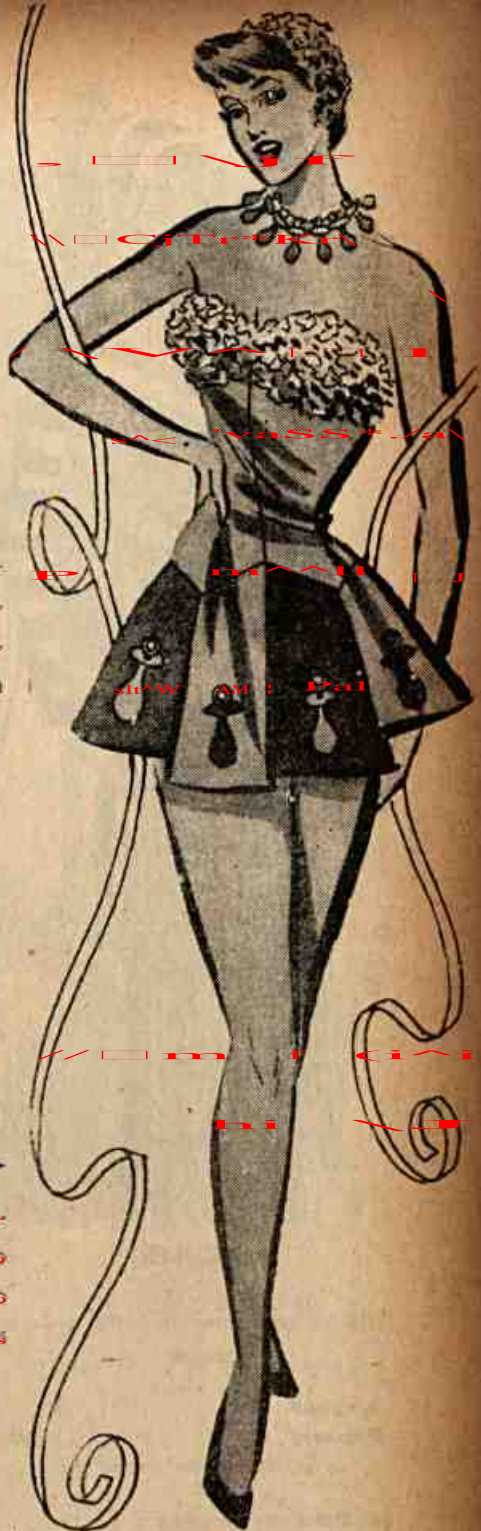
Marcha de Beduíno

Valete
Não chore mais
Não de prazer a ela.
Valete
Essa dama é cruel
Também já chorei
Por causa dela
Fazer sofrer
Está no seu papel

Por causa dela
O Rei brigou com a Rainha
O As de Ouros
Com o As de Espadas
E se não fosse o As de Paus
O As de Copas
Pelo Coringa
Estaria enforcado.



←
VALETE — Fantasia em cetim, pequeno short frente-unica, inteiramente recoberto de bordados aplicados. Pequeno tamborim na cabeça



→
NANA NENEM — Fantasia em vários tons de tafetá. Busta coberto por farta renda franzida. Mesmo efeito no chapuzinho. Chupetas aplicadas.

NANA NENEM

Marcha de Haroldo Lobo e Brazinha

Nãna nenem
É hora de mi-mi
Nãna nenem
Que o papão já vem aí
Nãna nenem
É para de chorar

Vê se você se manca
Também quero rebolar
Nenem não quer mi-mi
Nenem tá de veneta
Fica bonzinho aí
Que eu lhe dou uma chupeta
[(hei).]



MACUMBÓ

Marcha de Carlos Brandão e José
Messias

Macumbó - umbó ()
Macumbó - umbó () bis
e o feitiço não pegou)

A Maria fez moamba
Quer comigo se casar
E a mandinga de Maria
Não chegou a me pegar

O meu "sulto" é muito forte
Sempre foi um bom guerreiro
E o feitiço de Maria
Virou contra o feitiçeiro.

FANTASIA — Corpo em cetim branco e preto como o chapéu. Saia e rabo de cavalo em roletés vermelhos.



IBRAHIM PIU, PIU

Marcha de Miguel Gustavo

Ó Ibrahim, piu piu!
Ó Ibrahim, piu piu!
Ó Ibrahim, piu piu!
Ó Ibrahim, bota o meu nome no [jornal]
Eu quero ser também,
Metida a gente "bem"
Dependurada na colana social!

Bota o retrato meu
Junto do teu
E diz
Que eu estou chegando agora
Vinda de Paris
Ó Ibrahim, conta depressa que me [viu]
Dançando nas boates e o resto é [piu piu]

FANTASIA — Paletó e chapéu inteiramente bordados com "pailletes". Gola, bolsos e calça em veludo preto. Camisa branca e gravata com lantejoulas.



SOLDADO DA RAINHA

Marcha de João Grimaldi e
Gordurinha

Soldado da rainha
Que está de serviço
Não deve Maria
Não deve Maria
Não deve fazer isso

Mas a Maria
Não quer saber disso não
Diz que só recebe ordens
Que vem do seu coração.
Toma cuidado
Pra não dar em reboliço
Não deve Maria
Não deve Maria
Não deve fazer isso.

FANTASIA — Short em cetim azul abotoado na frente. Colarinho, barras e cinto nos quadris, tudo isso em lantejoulas vermelhas.



FOLHA DE PARREIRA

Marcha de Rutinaldo, Luis de França e J. Batista

Eu esse ano vou sair de Pai Adão
Com uma folha de parreira e pé no chão

A fantasia vai causar pavor
Mas em compensação eu não vou
[sentir calor]

Se a polícia não permitir,
Eu desse jeito sair,
Vai ser de fato muito chato
Eu ter que calçar sapato.

FANTASIA — Corpete adornado por cachos de uvas vermelhas e folhas de parreira, tudo em alto relevo. Numerosos saíotes de tulle em vários tons de verde, combinando com a echarpe.

FON-FON — 28 - 1 - 1956

BROTINHO CHINES

Marcha de Nelson Trigueiro BatBatucada de Norival Reis e José Batista

Alí Chang Fu
Grande mandarim
Pede a Buda
Um brotinho pra mim

Eu quero um brotinho
De olhos rasgadinhos
E que também saiba
Fazer muito carinho
Serei muito feliz
Viverá em paz
Com um brotinho assim
O que é que eu quero mais.

FANTASIA — Quilmano curtíssimo em tafetá preto com barras verme, lãs. Flores bordadas ou pintadas a óleo. Chapéu de "Cooile".

VOU VER YAYÁ

Vou ver Yayá
De vagar eu chego lá. . .

A Yayá vai bem. . .
Deixa a Yayá como está.
A Yayá vai bem.
Não me toque na Yayá.

Vou ver Yayá
De vagar eu chego lá. . .

Quando eu quero ver Yayá
Eu pego meu tamanquinho
Maneirante, maneirando,
Chego lá devagarinho. . .

FANTASIA — Blusa justa, decotada nas costas, de mangas bufantes terminando em longos punhos listrados, que combinam com o drapeado que cobre os quadris e cai em babados nas costas. A calça é coberta por babadinhos bordados.

Carnaval

CARNAVAL, CARNAVAL

Marcha de Klecius Cavalcanti

Pra quem vive o ano inteiro
 Prisioneiro da hipocrisia
 Pra quem vive mascarado
 No mundo falso da fantasia
 Um remédio eu quero ensinar
 Pra curar o seu mal
 Um remédio que é bom de tomar
 Carnaval! Carnaval! Carnaval!

Carnaval!
 Vou deixar de fingir três dias
 Carnaval!

Todas elas são Marias
 Um amor começa bem
 Outro acaba mal
 Tudo é comédia
 Tudo é história
 Tudo é tragédia
 Tudo isso é carnaval!



1 Cetim de algodão amarelo, máscaras aplicadas de feltro preto com lantejoulas em cores como a faixa e os "boutons" da cintura, que terminam com pom-poms.

2 Cetim de algodão amarelo-ruivo com aplicações nas cores: azul e vermelho e fiocourado na gola, mangas e barra. Tira bordada em cores. Calças e chapéu azul-anil, tendo este último fitas e pom-poms em cores.

3 Cetim de algodão azul-noite com lantejoulas douradas: azul e vermelho e fio dourado na gola, manivissimas. Colarinho engomado e gravata preta. Luvas brancas.

4 Saia de nylon verde-água com aplicações de uvas róseas pretas por uma lantejoulas no centro (pratenda). Folhas de chintz verde-musgo (preparadas com arame fino). Cacho de uvas róseas na cintura e sobre o corpete de cetim na cor do nylon. Sapatos dourados.

GENTE BEM

Marcha de José Messias e Carlos Brandão

I

Oh gente bem
 Até que nem
 Você não pense
 Que é melhor do que ninguém

II

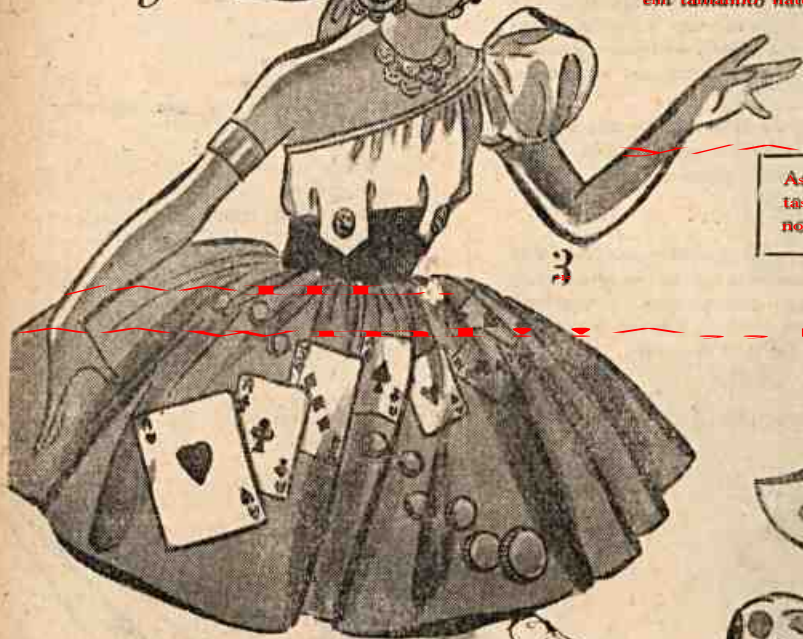
Seu cadilac
 Não me faz frente não
 Também tenho cinco pratas
 Para andar de lotação
 Se o seu café
 Social e
 Também tomo cachacota
 No boquete de José

CB

Cigana

1 Saia em cetim de algodão azul-anil com bolso de or-gandy, como a blusa e o chapéu, com botas de feltro de diversas cores coladas ou presas ao centro por uma lantejola. Aplicações também em cores (no suplemento em tamanho natural) e corsetete de veludo vermelho.

As aplicações desenhadas nestas fantasias poderão ser encontradas em nosso suplemento deste número



Holandês



Holandesa Moderna

2 Calças do mesmo cetim da "Holandesa" e aplicações no suplemento em tamanho natural. Blusa de opala, bolero de veludo vermelho com moedas douradas, fitas e chapéu em cetim amarelo.

3 Saia em cetim de algodão verde com moedas douradas e cartas aplicadas. Blusa de organily e corsetê de veludo preto.

4 Saia em lonita vermelha (franzida) com babados de organily branco festonado de vermelho. Blusa e laço ao tórso do mesmo modo. Colares e pulseiras em cores. Fita da costa em cetim de algodão amarelo com aplicações. (Ver suplemento).

5 Em nylon azul-claro com fios dourados e lantejoulas da mesma cor. A fita larga que passa pela frente única terminando em laço pode ser de veludo preto ou dourado como o enfeite da cabeça, que também leva miostis.

6 Calças de brim, camisa de malha, lenço de cetim e chapéu de palha.

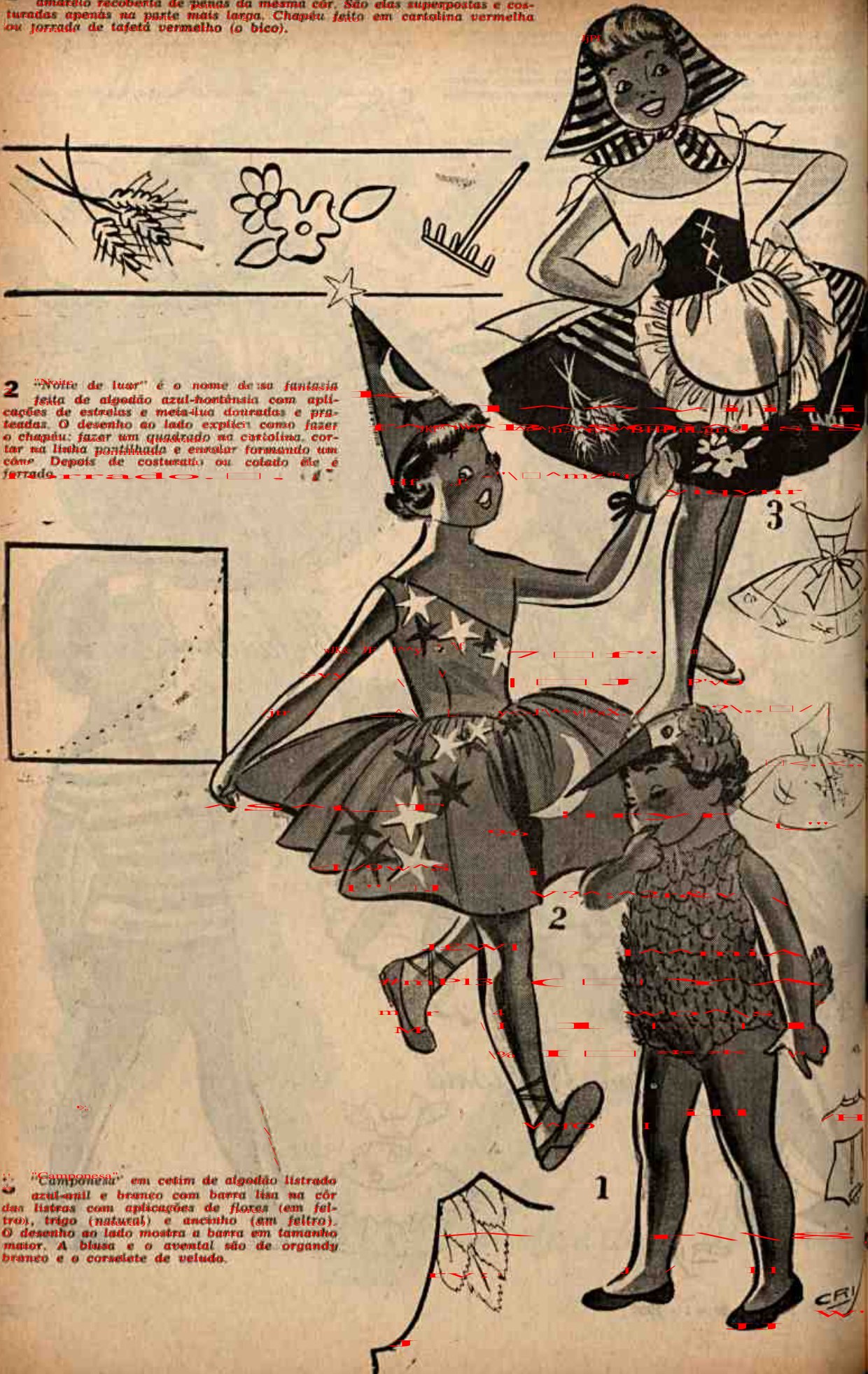


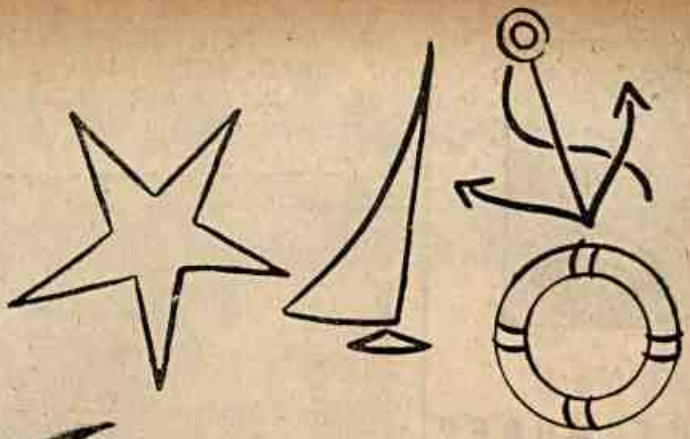
1 Para meninas de 1 a 3 anos fantasia de "Canarinho" feita em tafetá amarelo recoberta de penas da mesma cor. São elas superpostas e costuradas apenas na parte mais larga. Chapéu feito em cartolina vermelha ou jorrada de tafetá vermelho (o bico).

2 "Noite de luar" é o nome de sua fantasia feita de algodão azul-hortênsia com aplicações de estrelas e meia-lua douradas e prateadas. O desenho ao lado explica como fazer o chapéu: fazer um quadrado na cartolina, cortar na linha pontilhada e enrolar formando um cone. Depois de costurado, ou colado, etc. é ferrado.

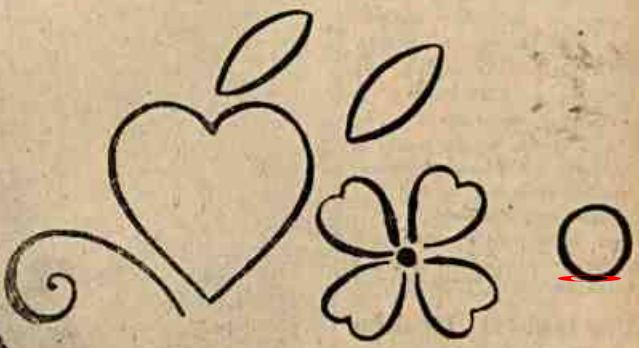


3 "Camponesa" em cetim de algodão listrado azul-azul e branco com barra lisa na cor das listras com aplicações de flores (em feltro), trigo (natural) e azevinho (em feltro). O desenho ao lado mostra a barra em tamanho maior. A blusa e o avental são de organdy branco e o corselete de veludo.

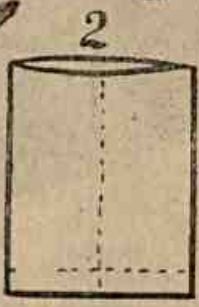




4 "Marinheta afrancesada" em cetim de algodão azul-hortênsia para a saia, azul-escuro para a blusa e listrado vermelho e branco para o corpete com cadarços vermelhos. Chapéu de cor da saia e meias vermelhas e brancas listradas. Aplicações em feltro coladas.

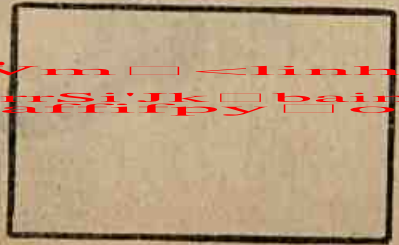


5 "Tirolesa" em lantejola verde com aplicações nas costas: coração, vermelho; flores, amarelas; folhas, marrons; "pés" e ornatuços, abóbora. Original baixo costurado nas costuras laterais da calça e na bainha. Uma costura central a divide em dois.



6 "Pom-pom" para crianças de pouca idade feita em nylon branco (ou azul-claro) françada, salpicada de pom-poms em diversas cores. Sapatos, blusa e gólete em cetim azul-hortênsia ou vermelho com cordões dourados.

O detalhe explicado é o gólete: n.º 1 - uma tira retangular de cetim em fio reto, que tenha no comprimento o tamanho da cabeça. N.º 2) ela é fechada e embainhada (fritas pontilhadas). No lado oposto ao da bainha ela é françada para em seguida ter os pom-poms.



O MOLDE DA SEMANA

EM ALGODÃO GROSSO NAS CORES VERDE E BRANCO E O MODELO DESTA SEMANA QUE OFERECERMOS, CUJOS MOLDES VOCE PODERA ENCONTRAR EM NOSSO SUPLEMENTO DESTA NUMERO. JUVENIL E ELEGANTE VESTIDO DE VERAO.



MODAS "TOUTEMODE"

ALTA COSTURA E
CHAPEUS

Agora, os cursos de ECONOMIA DOMESTICA, CULINARIA e DECORACAO DO LAR, sob a direcao da PROF. NINA SANTOS DE LIMA, e um curso de DESENHO TECNICO PARA MODAS, sob a direcao da Prof. EUGEN PONSODA, colaboradora de FON-FON e outras revistas.

Matricule-se desde ja na maior e mais completa Academia do ramo, preparando-se para o lar e para a sociedade.

Faça uma visita, sem compromisso, ou telefone para a Organizacao "TOUTEMODE".

Av. 13 de Maio, 13 - 16º andar

Conj. 1601 - Ed. Municipal

Telefones:

22-6835 - 52-9969 e 38-7812

Rio de Janeiro

Adquiram o Método "TOUTEMODE", com cursos de Corte, Costura e Chapéus, ao preço de Cr\$ 250,00 e o esquadro Cr\$ 65,00.

DAME FRANÇAISE

Enseigne son idiome avec
methode facile et rapide.

Prix moderés

Telefone: 47-3759



*Evite que manchas, sardas
e espinhas enfeiem o seu rosto!*

*Para mantê-lo sempre
atraente é indispensável
uma limpeza profunda
e tonificante de sua
pele com a reconhecida
ação medicinal do*

Leite de Colonia

Como corrigir as imperfeições do seu rosto? Antes de tudo é necessário você realizar uma limpeza profunda e revigorante dos poros. Não importa que produtos venha aplicando em seu rosto... sua pele necessita do Leite de Colonia. Sim... não há nada que se compare ao Leite de Colonia para uma limpeza efetiva a profunda de sua cutis. Adotando o reativante Leite de Colonia, você ficará encantada com a nova beleza que surgirá em sua cutis... sem o dissabor da flacidez prematura. Sua beleza não pode esperar mais! Comece a usar agora Leite de Colonia para ter a pele sempre aveludada, livre de imperfeições!



*É o mais simples
cuidado de beleza!*

*Embeba algodão
em Leite de Colonia
e use-o, em suaves
fricções, sobre seu
rosto bem molhado
de água. Assim,
toda pele aceita bem
Leite de Colonia.*

Insista com

Leite de Colonia

-preparado pelo médico Dr. A. Studart

A MUSICA QUE É NOSSA - BEM NOSSA...

MÚSICA da CIDADE

uma produção de

*Haroldo
Barbosa*

TODOS OS
DOMINGOS
AS 13 HS.
no programa
LUIZ VASSALO

E "em reprise":
2^{as} FEIRAS
AS 12,30 HS.
RÁDIO MUNDIAL

UM OFERECIMENTO DA
BANHA ROSA
50 ANOS DE TRADIÇÃO
NACOSINHA BRASILEIRA



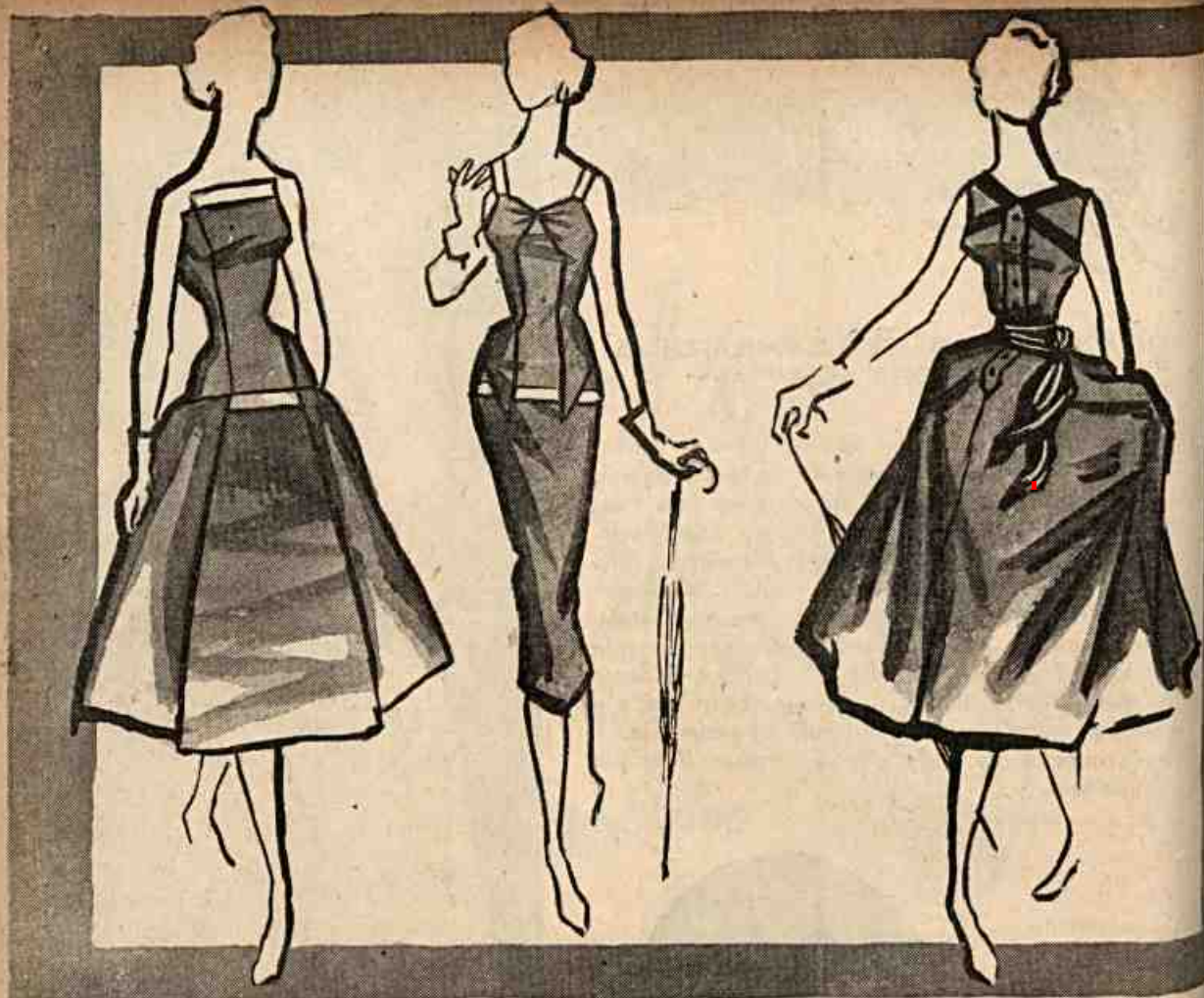
RÁDIO MAYRINK VEIGA

ORGANIZAÇÃO VICTOR COSTA

**ENLAÇE AYMÓN OASSÉ LUIS PAULAFREITAS
— ZENYR ÁREA**

Foi uma nota social da mais alta expressão em nossos círculos mundanos o enlace da senhorita Aymon Oassé Luis Paulafreitas, filha do professor Luis Paulafreitas e da senhora Ironette Rogério Luis Paulafreitas, com o tenente Zenyrr Área de Figueiredo, filho da senhora Amanda Área Vianna e do dr. Waldemar Vianna. Os instantâneos fotográficos que aqui estampos focalizam a noiva dando entrada no templo onde se realizou o ato religioso — a basílica da Santa Cruz dos Militares, conduzida por seu ilustre pai, e o jovem par quando assinava o termo da cerimônia. A bênção nupcial foi dada por Monsenhor Henrique de Magalhães.





1 Vestido em shantung azul ultramar levando dois acabamentos em tiras de piquet branco.

2 Em vermelho vivo esse gracioso vestido de alças também possui enfeites em largas tiras brancas.

3 Praia e a fazenda ideal para esse vestido verde mar com tranças pretas.

4 Original casquinho para costume de linho, sendo a gola e os bolsos em outra tonalidade.

5 Gracioso conjunto para o calor em praia ou roça. Observem os recortes do corpo formando dois bolsos na altura dos quadris.

6 Em amarelo canário esse vestido possui três barras brancas marcando o fecho. Longo cinto na cor Havana e botões da mesma cor.



MARIUS

Como está
alto o Sol!

Conselhos Domesticos



A crosta inferior da torta de frutas não ficará úmida se for polvilhada com farinha ou a clara de um ovo antes de colocar o recheio.



Artigos feitos com plástico, como cortinas almofadas, etc., são fáceis de lavar. Mergulha-se as mesmas em água de sabão morna, enxágua-se e seca-se logo ou então podem ser penduradas para secar.



Deixe o café permanecer no bule uns minutos depois de feito, e retirado do fogo, e ficará com melhor sabor.

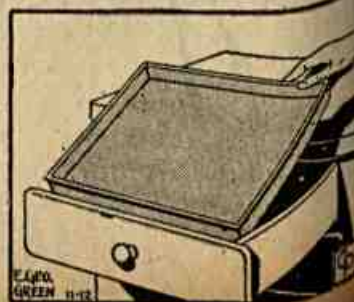


Se estiver enjoada de cozinhar batatas, pode substituí-las por arroz cozido. O arroz é delicioso com guisados, ou u galinha frita.



Para fazer com que as crostas das tortas fiquem bem coradas, é bastante esfregá-las com leite ligeiramente antes de postas no forno. Uma pequena escova, vinha ou pincel de confeiteiro é empregado para isso.

Modernos e úteis são os forros leves e laváveis para gavetas. São feitos em plástico, vêm em lindas cores e servem para o bufê, penteadeira, etc. São fáceis de limpar e evitam que a lingerie, meias de nylon, etc., agarrem, esgarcem ou rasguem.



LEIAM

"Voz de Portugal"

O SEMANARIO DOS PORTUGUESES

— DO BRASIL —

★

UM GRANDE JORNAL A SERVIÇO

DO BRASIL E DE PORTUGAL

★

A "Voz de Portugal" encontra-se

em todos os Estados do Brasil.

"Voz de Portugal" uma tradição no jornalismo luso-brasileiro.

O MOLDE INFANTIL

GRACIOSO MODELO EM DUAS PEÇAS DE ALGODÃO. SAIA QUADRICULADA, FRANZIDA NA CINTURA LEVANDO UM ENFEITE DE FRUTAS COLORIDAS. BLUSA EM POPELINE BRANCA. VEJA AS INDICAÇÕES DO SUPLEMENTO. PRÁTICO E CONFORTÁVEL PARA OS DIAS DE CALOR.



CONSELHOS PARA O VERÃO

(Conclusão)

e de 70% no nascimento. Essa tendência para o ressecamento continuará até a velhice. Mas é a pele, exposta a todas as agressões externas, que sofre em primeiro lugar. É por isso que os químicos e os médicos têm lançado ultimamente os cremes de beleza "hidratantes", que não se devem confundir com os cremes oleosos comuns. O fim daqueles não é amaciar as peles secas, mas conservar a mocidade e frescura em todos os tipos de pele, fornecendo-lhes a razão normal de água. São principalmente úteis nas férias, quando o ar macinho da praia, os raios ultra-violetas da montanha, e o sol em todos os lugares, tiram completamente a água da epiderme. Uma insolação não passa de uma ligeira queimadura, e deve ser tratada como todas as queimaduras, pela rehidratação.

DR. PAULO PÉRISSÉ

Chefe S. Proct. H. Gafre Guinle

VARIZES

e suas complicações — Úlceras, eczemas, inchagões, etc.

Hemorroidas sem operação

DOENÇAS ANO-RETAIS

Edifício Martinelli

Fones: 28-4531 e 52-6251

Av. Rio Branco, 105-106, s/ 1006

Diariamente, das 14 às 18 horas





CORRESPONDENCIA

ESPAÑHOL ERRANTE (Rio) — Sua carta é bastante curiosa, meu caro. Recebo-a com a maior simpatia. Permita pois que a transcreva para os nossos leitores: — "Río de Janeiro, 10-7-55 — Soy español y me es difícil expresarme en otro idioma que no sea el mio ¿quiere disculparme? Supongo que para Vol, no debe ser difícil entenderme desde el momento que es capaz de leer através de las manos. Quisero tambien pedirte su opinión ha cerca de mis dos tendencias para con mi vida, mi sueño desde que tengo huso de razón fué ser artista em parte lo he conseguido ya que en España y aqui he trabajado en el palco, sin embargo veo una vida inquieta e insegura; intercambio aprendi um officio en el cual veo seguridad para mi hogar no obstante me atrae tanto el paleo que estoy en la duda. Ante todo

quisero el bien entrar de mi hijo y esposa así como una vida segura para mi. Puede decirme através de mis manos si es posible saber lo que me conviene mas? En espera de ser publicada mi repuesta le dá las gracias anticipadas su s. s. Español Errante". Não dispunho de elementos seguros para lhe dizer o que deve fazer com relação ao seu caso. A Quiromancia não chega a essa perfeição. Acho, porém, que o mais acertado é ver se consegue conciliar os interesses da arte de Talla com o seu officio valioso — sem prejudicar nenhum deles. Penso que tem sorte na sua arte; mas é bom confiar mais no seu artezato. Noto que o seu defeito (se é que isso é defeito) é ser extremamente volúvel, em tudo. Volúvel, contraditório e, até certo ponto, muito desencorajado. Possui qualidades de espirito apreciáveis, e sua

moral não é má. Certo que é estimado do pelos seus amigos — muito embora não se dedique facilmente a pessoa alguma — quer de um sexo quer do outro. Procure ser mais ambicioso e lutador, no sentido de construir a sua vida num plano de elevação espiritual e conforto material. Eis aí a minha opinião. Boa sorte, e até outro dia.

O. M. S. (Rio) — Oh! que emoção que experimento neste ensaio! Deus lhe dê, neste mês de dezembro, tudo que você me deseja, no seu lindo cartão de Bons Festeas. Fico á espera do resto, sim. E' só fazer como promete no seu bilhete. Pois não.

CONCEIÇÃO (Rio) — Você usou baton em excesso, na reprodução de suas provas palmares. Eis por que nada posso dizer a seu respeito. As linhas de suas mãos estão confusas. E' necessário que auxilie a minha tarefa, enviando-me cópias miúdas de suas mãos, onde as linhas se destacuem. Porque são exatamente essas linhas que vão ser interpretadas em meus estudos. Mas se elas estão apagadas — eu nada posso fazer. Não é lógico. Se eu fosse escrever a toda gente que mo solicita, creia que não teria tempo nem para comer. Um homem, que não é faquir, e não come — na certa viaja para o "outro mundo", em poucos dias. Resultado: se eu morresse em tais circunstâncias, juro que você não rezaria pela minha alma. Nós só tratamos de nós mesmos... Esta é que é a verdade dura e certa.

WAGNER (Rio) — Meu caro amigo, dectero que não sou profissional e nada ganho com a quiromancia. Isso não quer dizer, no entanto, que não atenta a todos os que me procuram. Meu telefone está no expediente desta revista: Redação: 23-6284, entre 10 e 11 horas, todas quartas ou quintas-feiras. Ora essa! Você não me aborrece, de modo al-

DEIXE-ME LER SUA MÃO - Corte este cupão e remeta-o a Zanine com as suas impressões palmares

NOME (ou pseudônimo)
 ESTADO CIVIL
 IDADE
 ESTADO (ou cidade)
 DATA DO NASCIMENTO

Se você deseja uma cópia das palmas de suas mãos, basta desenhá-las de tinta de impressão, ruge, baton ou fúlgem — que se obtém com uma vela acesa sob o fundo de um prato. Feita essa operação, calcie cuidadosamente as palmas de suas mãos sobre uma folha de papel de linho (branco), almaso ou "couche" colocado sobre uma toalha dobrada em quatro, até conseguir duas cópias com todos os seus traços visíveis e queita erviadas, juntamente com o cupão a ZANINE — Caixa Postal, 97 — Rio de Janeiro. Convém escrever-nos uma cartinha do próprio punho, tendo em vista que a letra faz parte de nossos estudos.

VAI SER MÃE? DELIVRANCINA

MEDICAMENTO DAS PARTURIENTES. PREPARA O ORGANISMO PARA UM PARTO FELIZ. EVITA O ABÓRTO, VÔMITOS, ENJÓOS, CANSAGOS. SEU USO É PROVIDENCIAL DURANTE TODA A GRAVIDEZ. FARMÁCIA SIMÕES, RUA MATOSÓ, 33 — RIO DE JANEIRO

ENVIAMOS PELO REEMBOLSO POSTAL

ACORDEONS MAIS BARATOS DO BRASIL

CASA ACORDEON ATUL

Avenida Rio Branco, 277-Rio

sum. Quem escreve para o público — mesmo sob anonimato, como é o meu caso — deve ser atencioso para com todos os que o procuram. Não é favor, é obrigação, o ilustre Wagner!

FRACASSADA NO AMOR (São Paulo) — Você é responsável pelo mal que lhe tem acontecido. Você tem um gênio complicado e, por isso, não favorece as coisas que lhe podem ser úteis. De resto, bem sabe o que foi que ocorreu. Que fazer para evitar o azar? Há muito o que fazer a tal respeito. Procure saber o que é, caso se interesse por isso. E, agora, seja muito feliz em 1956.

MATINO (Recife) — Antes de tudo, recedi sua carta, li-a com atenção e concluí o seguinte: 1.º — Você não deve considerar-se velha. Isso é complexo. Mas se o fosse, seria digna de consideração e respeito, por parte desta seção; 2.º — Aquele não se advinha coisa alguma. — O que faço é interpretar os elementos que me fornecem a estudo. Não creio em adivinhações. Tudo isso é embuste e exploração indecorosa. O público, sempre amigo do mistério, do maravilhoso e do patético, não hesita em admitir esses engodos, como reais. Quando encontra um indivíduo que ama ser sincero, que não gosta de ludiar a ninguém — o público, dizia eu — fica decepcionado: Prefere iludir-se. Mas nesta seção não há mentiras nem má-fé. Justamente porque não tenho lucro nenhum em enganar aos leitores; 3.º — Você é astuta, arguta e gosta de agir com eficiência. É inteligente, autoritária, mandona, irretrivível, não raro. As vezes, esse título de ser dá certo; outras, não — sei errado. Sentiu-se que sua vida, há alguns anos atrás, foi risonha, próspera, e trilhou um caminho suave e brilhante. Com o tempo, as coisas se agravaram, e seus negócios deixaram de progredir — muito embora a confiança que inspira continue de pé. No terreno do amor, bem sabe que tudo corre por conta de sua volubilidade. Se fosse menos volúvel, talvez fosse mais feliz. E, agora, é aproveitar a existência como Deus permitir...

ZULEIKA (Rio) — Tenho a impressão de que você casará mesmo com o tal estudante de Direito. Há indícios de que tudo terá bom resultado. Talvez no fim deste ano veja realizado o seu sonho. É certo que tem havido guerra em família e intrigas de suas amigas da onça. Mas você vencerá a partida. Quanto à cachorra a que se refere, nada posso dizer. Não costumo dar conselhos a

ninguém. Cada um deve agir segundo a sua cabeça. Seu pedido anterior ficou, assim, prejudicado. Em todo o caso, fico às suas ordens. E só tomar a iniciativa. Juro que a atenderei. E só, por hoje.

ANITA SALES (Minas) — Perdão, não recebi suas cartinhas até hoje. Culpa do Correio. Escreva novamente e mande novas provas palmares.

BUATERRY (São Paulo) — Note que fracassou na vida conjugal por dois motivos fortes: 1.º — seu orgulho tremendo, inconsequente e seus princípios severos, inflexíveis; 2.º — seu idealismo elevado, desejando alcançar aquilo que a sorte lhe nega. Resultado: encontra dificuldades insuperáveis, desventuras, decepções. E é pena, creia-o. É pena porque você é altruísta e, facilmente se adapta às circunstâncias da vida. Sem dúvida, não conquistou o marido ideal, que a compreendesse e amasse vivamente, pois tudo leva a crer que seria uma esposa excelente.

LUISA DESILUDIDA (Rio) — De início, dir-lhe-ei que não posuo elementos para lhe responder satisfatoriamente. No primeiro trecho de sua missiva, escrevo você: "Sr. Zanine: — Tenho várias vezes lido suas respostas na revista "Fon-Fon" e como não posso dizer-lhe que creio de todo na quiromancia, digo-lhe com sinceridade que tenho apreendido e sentido que existe neles o retrato duma grande e oculta inteligência." Ora, se você declara de antemão não acreditar na quiromancia e, por outro lado, não me fornece provas palmares nítidas, perfeitas, é claro que tudo infundia contra os meus estudos. Fazer esses estudos por meio de decalques palmares é, de certo, um trabalho incompleto e precário. Juntando-se a isso a sua descrença, teríamos zero no quociente, o que lhe daria o direito de afirmar que a quiromancia nada adianta a quem deseja conhecer o seu destino. É lógico. Neste caso, aconselho-a a procurar um quiromante que leia a sua mão "in vivo", quer dizer, em pessoa. Assim, ele terá oportunidade de estudar todas as linhas de suas mãos, inclusive as que não aparecem nas cópias palmares. Se houvesse erro, no fim, você teria razão para dizer: "A quiromancia é uma tapação; E quem leu a minha mão sabe tudo menos revelar o nosso destino". As cópias palmares oferecem uma oportunidade para se conhecer algo sobre a nossa sorte. Algo, apenas. Tudo, tudo, não é possível. Só indo diretamente a Nosso Senhor Jesus Cristo. **ZANINE**



TODOS OS DOMINGOS
DAS 12 ÀS 15 HS. NA

**RADIO
GUANABARA**
EM 1.360 Kc/s

★
TEATRO PORTUGUÊS
HISTÓRIA PORTUGUESA
ASSUNTOS PORTUGUESES

★
UM
PROGRAMA RADIOFÔNICO
A SERVIÇO DE
PORTUGAL NO BRASIL

★
DIREÇÃO DE
CARLOS CAMPOS

★
MÚSICA PORTUGUESA
INFORMAÇÕES PELO
TELEFONE 49-0596

Uma Especialista
de Beleza não poderia fazer mais



★ Debaxo de toda epiderme existe uma pele interna, fresca, jovem e livre de defeitos. Faça surgir esta beleza oculta, começando a usar Cera Mercolizada. Vale por um tratamento de beleza.

CERA MERCOLIZADA



PRODUTOS
DEARBORN

Ribeiro Martins
apresenta

RECORDANDO
OS BONS
TEMPOS

TODAS AS
SEGUNDAS,
QUARTAS E
SEXTAS FEIRAS

ÀS 22.05 HS.

Rádio Mundial

ORGANIZAÇÃO VICTOR COSTA

uma oferta da

ÁGUA SANITÁRIA SUPER GLOBO

- A PEQUENA QUE VALE POR DUAS -

E OUBA TAMBEM, NUMA GENTILEZA DA

ÁGUA SANITÁRIA SUPER GLOBO
VAI DA VALSA

O FAMOSO CARTAZ HUMORÍSTICO DE HAROLDO BARBOSA
TRANSMITIDO ÀS SEXTAS FEIRAS, ÀS 21:00 HORAS
PELA PRA-9, RÁDIO MAYRINK VEIGA - 1220 Kcs.

dos, ao antitecer, e de lá vejo as copas das árvores que assomam dos patios, e ouço os sinos de São Francisco e de outras igrejas mais distantes, e as copas das árvores e as bimbalhadas parecem que flutuam no ar. Por um lado, o céu se move, e vão descendo as listras de cores, umas são como de fogo, e como ouro, e rosadas, e verdes, e pelo lado da cordilheira, os montes ficam, cor de tijolo primeiro, e depois amorenados, e o céu como se sentisse uma dorzinha muito suave. Penso então em Angélica e às vezes me vem uma alegria imensa, e outras vezes me dá essa mesma dorzinha suave do céu. De manhã gosto do pátio das plantas. Os passarinhos chegam até à janela da sala de jantar. Comigo são muito valentes, os cavaleiros: eu não me movo e eles não levantam vôo. Sabem que gosto deles? Diz Joana que eles não sabem nada disso e pergunta se não vejo logo que o que eles querem é comer migalhas ali onde ela sacode a toalha. O esguichozinho da pia também parece que pássaro a essa hora. Não sei se é porque a água sai em saltinhos ou se é por causa do som. Tudo é fresco a essa hora, como se o pátio, tal como as pessoas, se lavasse e se pentasse de manhã.

Os grandes dizem que fazem tudo para o bem de alguém, e enquanto isso não sabem tirar da gente os gostos que se tem. Diz Mamãe que fazem para que se seja feliz, quando se for grande; mas outras vezes diz que os grandes nunca podem ser felizes e que a felicidade não dura senão enquanto se é pequeno. Como se compreender então?

Tão feliz que eu estava, e hoje Mamãe se zangou comigo, porque trouxe mais notas do lico, e me disse que estou ficando desleixado e que assim nunca vou passar do primeiro ano. Então minha avó disse que não estudo porque vivo lendo livrinhos de histórias e pensando em caraminholas; e Mamãe rasgou meus livrinhos e agora diz que nunca mais os comprará, mesmo que eu lhe pague por todos os santos do céu, a não ser nas férias. Que se há de fazer? Eu gostava deles, porque me faziam pensar muito claro, como quando estou sonhando e digo algo que me respondem, e me parece que sou grande e que me casei com Angélica; além disso, aprendia muitas palavras nas histórias, e a pôr os pontos e as vírgulas, o que não se pode aprender no colégio, porque o professor explica com regras que se esquecem. É uma pena que me tenham tirado as histórias, porque tudo isso me servia para escrever o meu diário. A minha avó, já se sabe, sempre ocorre a solução mais cacete. Como não odeia. Porque é preciso ter o ódio para fazer o que se faz comigo. Já perdi que todas as vezes que Mamãe se lembra de quando eu nasci, minha avó fica com cara de fúria e me olha com tal rancor que até parece que lhe fiz um mal muito grande nascendo. Se me deram uma missão, que culpa tenho eu? Assim o dia é uma vez don Carlos, que era uma coisa que não tinha remédio. Porém ela é muito bruta.

Como já não tenho livrinhos de histórias, hoje domingo fui para o meu cantinho. Para dissimular e para contentar Mamãe, fazendo-a crer que tinha ido estudar, levei os cadernos do colégio; mas não fiz senão pensar nas coisas, e Angélica era a princesa e eu o meninozinho que em vez de ir correr mundo pelo caminho de flores, fui pelo caminho de espinhos; e assim no fim eu me casava com a filha do rei, isto é, com Angélica. Depois me cansei de pensar; mas continuei sempre no meu cantinho até que escureceu. Meu cantinho está no meu quarto, entre a cômoda antiga, a de incrustações de madreperola, e a parede que dá para a saleta, e é o lugar de que mais gosto em toda a casa. Ali escondo o meu diário, debaixo do tapete, e ali gosto de estar, mesmo que não faça senão contar as listras do papel da parede; e pestanejar como Angélica, e rir igual a ela e responder quando lhe contar meus planos. Não sei porque tenho tanto carinho por tudo o que há no meu cantinho, e sei tudo de cor: o lado da cômoda, na corça que tem no meio do pavão real, falta um pedacinho de madreperola; restam trinta e dois. Não gosto é do olho do pavão real.

Como lamentou tê-lo feito! fui um idiota, um animal. E perdi tudo, talvez para sempre. Agora não sei o que vou fazer. Meu Deus, Virgem Santa, que isso se con-sente! Mas se não for mais possível, se já não gosta mais de mim nem como de um menino... Que desespero! Não, não pode ser. Angélica minha, perdoa-me, tem compaixão de mim, que sou muito desgraçado. Nunca mais serei grossinho. É que sou tímido e fiquei louro. Que foi que deu em mim? Deve ter sido coisa do diabo. Eu me habituei a ir todas as tardes. Nunca me animava a passar além da esquina; mas pelas portas do armazém a avistava, e mesmo que fosse tremendo de impressão e de nervoso, passava o momento e eu ficava resignado. Mas ontem, quando espio, vejo que ela está com aquele bandido do Jorge na varanda. Se os outros da casa estivessem, ainda ia tudo bem; mas não, só os dois, juntinhos, e ele lhe falava com o rosto muito junto do dela, e ela ria. E, claro! como poderia eu conter-me? Bastou vê-los e toda a rua escureceu para mim, e nos meus ouvidos começou uma zoida, e corri e entrei em casa dela.

— Eu o matei! eu o matei! ia dizendo pelo caminho, lembro-me; mas quando me vi na porta e perguntaram quem era e eu não sabia o que dizer, perdi todo o ânimo e fiquei como um bobo e com uma dor aqui atrás, na nuca, terrível. E a criada que me abriu a porta e me fez entrar para a varanda, e ela, muito alegre, me beijou e perguntou várias coisas, mas eu não lhe podia responder. Então me disse que com um tom de grande personagem, o grande imbecil:

— Como vai garotinho?

E nem lhe respondo também, mas fico a olhá-lo com um ódio atroz. Então os dois se olham muito admirados, e ele me põe a mão na cabeça e a retiro com um safamaço. E ele me diz não sei que mais, como se estivesse brincando comigo. Não lhe respondi nada, entretanto, mas quando me perguntou porque estava tão furioso, disse-lhe:

— Cale-se, seu intruso, animal, besta.

Então não tinha partido para o interior? E ela não o fazia por maldade... mas me repreendeu e me disse que isso era muito mal feito e que era muito feio, e que de algum tempo para cá eu me tornara um menino grosseiro e malotiano. Não o fazia por maldade, mas... então, pior, pensei eu, porque a raiva, sim, era visível no seu rosto; e lhe respondi que mais feio era o que ela estava fazendo ali com aquele tipo. Então ela ficou ainda mais zangada, porque eu chamara o outro de "hipo"; tanto que primeiro me assustei, depois rompi em pranto e sai para o corredor.

Ela saiu rindo então, atrás de mim, e tornou a falar-me com suavidade, e lá fora me deu um beijo e me quis abraçar; mas eu não sou nenhum imbecil, e limpei o caro onde ela havia beijado e não deixei que ela me tocasse.

— Que garotinho mais divertido! Clumento! Que divertido! — dizia a muito.

E não queria também que eu voltasse e pedisse a ele que me desculpassse? Porque era muito bom e gostava muito dela. Nesse caso, então, menos que nunca! Foi isso o que eu lhe disse. E aí então é que foi: ela ficou muito séria, de verdade; ficou olhando-me um instante, calada; depois tornou a falar:

— Anda, vamos, não fiques antipático.

Fiquei com uma raiva... E como lhe disse que ela é que estava mais antipática (porque a odiou com toda a minha alma nesse instante), gritou-me:

— Vai para o diabo, garoto bobo! Amanhã vou contar a tua mãe estas tuas gracinhas, vais ver...

E saiu e não voltou. O que houve mais, não sei, a não ser que cheguei em casa doente e chorando, aos gritos. Mamãe me perguntou o que me doía e eu disse que era o estômago. E me deitaram e me deram um mar de remédios e um purgante. Ainda por cima tive que to, mar azeite de castor. Mas eu já tinha dito que era do estômago e todos diziam:

— Cólica... é cólica...

Era bom, porque assim eu podia chorar com motivo.

(Conclui no próximo número)



— Assim teremos certeza de que ninguém mais poderá ir tão alto...

para que ela não pensasse que estava querendo mostrar-se, escolheu um ponto mais afastado. Depois, quando se cansou de nadar, voltou à praia, e Silfide lhe disse em tom de admiração:

— Como o senhor mergulha bem!

— Muito amável... replicou ele, corando até as orelhas. E a senhorita não mergulha?

— Gostaria de poder mergulhar, mas nem sei nadar bem...

— Se quiser, vou ensinar-lhe, é muito fácil.

— Primeiro quero aprender a nadar bem. Canso-me muito, porque não sei controlar a respiração.

E assim o fizeram. Depois de praticarem mais de dez minutos, voltavam à praia e esticavam-se na areia. Enquanto isso, conversavam.

Os temas eram românticos e às vezes nem sequer interessantes. Falavam de coisas triviais e riam muito. Dizendo que tinham que ir tomar a primeira refeição, Paul referiu-se às ótimas sanduiches que a cozinheira do Hotel lhe preparava, para seus passeios.

— Pensando bem, uma das maiores satisfações que o homem pode encontrar é uma boa cozinheira no hotel em que se hospeda — disse Paul. Esquisito! não tive curiosidade de conhecer a do Hotel Ozone, mas um dia te-rei que fazê-lo, afim de felicitá-la.

— Espero que não seja gorda, como todas as cozinheiras — acrescentou a jovem sorrindo de maneira singular, que passou inadvertida a Paul.

Encontravam-se todos os dias e Silfide aprendeu a nadar muito bem. Até que um dia Paul lhe disse: — Quero vê-la em outras horas. Vamos passear hoje no campo?

— Desculpe, mas não costumo passear com pessoas que conheço tão pouco.

— Meu nome é Paul Hardman, trabalho para uma companhia de importadores de chá da capital e atualmente estou hospedado no Ozone. Agora, acompanha-me?

— O senhor é muito amável, mas não posso aceitar porque tenho muitas ocupações.

— Então mora aqui? Não está passando aqui as férias?

— Não. Moro aqui.

— E fica ocupada o resto do dia?

— Quase.

— Vamos dançar juntos hoje de noite?

Ela titubeou e disse: — Não, não posso. Recusel o convite de outras pessoas e se me vissem se ressentiriam comigo, e com razão. Além disso... quando termino meu trabalho estou muito cansada e não sinto vontade de ir dançar. Por que não convida alguma das belas hóspedes do hotel?

— Como sabe que aqui no hotel se hospedam beldades?

— Acaso não vão lindas moças veraneiar em todas as praias do país? disse ela com naturalidade.

— Sim, mas na verdade não se trata de dançar, o que quero é a sua companhia. Posso ao menos telefonar-lhe?

— Já não lhe disse que trabalho?

— E em que consiste seu trabalho? perguntou Paul já picado de curiosidade.

— Escute, não pense que me nego por coqueteria, para que insista. Mas a nossa amizade de verão assim é perfeita. Não vamos botá-la a perder. Lembra-se quando era pequeno e levava para casa os caracóis que encontrava na praia? E depois como ficavam felizes e perdiam todo o encanto? Não quero que nossa amizade seja assim...

Em todo caso, ela lhe permitiu que a chamasse pelo nome Juana e que se vissem todos os dias na praia. Sabia também que ela morava numa casa branca, perto da praia.

Quase no fim das férias, Paul recebeu carta de Anita, anunciando sua chegada a Melville. Quando contou a Juana, esta, ou melhor Silfide, como continuava a chamá-lo, demorou em responder. E foi num tom que ele não chegou a compreender:

— Ao seu lado tudo há de correr muito bem para ela.

Anita chegou guiando o próprio automóvel. Na sala de refeições, passaram a comer juntos. Nessa noite, a sopa estava tão gostosa, que Paul, lembrando-se de sua conversa com Silfide, depositou no fundo do prato uma moeda de ouro para a cozinheira. Ao despedir-se de Anita, disse que se veriam na hora do

café no dia seguinte. Mas a moça insistiu em ir à praia com ele, sem suspeitar de que o contrariava. Paul tinha a esperança de que naquele dia a mamã Juana não aparecesse, mas esta foi tão pontual como sempre. Paul apresentou a Juana depois tirou uma pulseira e disse a Paul: — Quer fazer-me o favor de guardar esta pulseira no bolso da sua saída de banho? Não costumava trazê-la, mas hoje me esqueci e vim com ela.

Paul ficou pensando quem poderia ter dado a Juana uma pulseira que ela usava sempre. Mas Anita teve outra impressão, pois notou em Juana certo ascendente sobre Paul, o que lhe causou muita inquietude. Procurou logo eliminar a possível rival, cuja beleza era perigosa. Assim, quando Paul sugeriu que fossem os três nadar juntos, Anita disse, mimosa:

— Oh! Paul! preferiria dar um passeio numa destas canoas...

Paul teve que resignar-se; mas Juana compreendeu a indireta de Anita e embora a convidassem desculpou-se pretextando preferir tomar o sol na praia.



— A minha sorte é que o Cacique está proibido pelo feiticeiro de comer gorduras...

Quando voltaram do passeio de canoa, Anita disse que estava com muito frio para jogar-se na água. Paul pediu desculpas a Juana por ter deixado a lição de natação para o dia seguinte. A jovem sorriu e nada disse. Esse dia Paul dedicou todo a Anita, que queria sair muito. Na realidade, queria era evitar que ele encontrasse Juana. No outro dia, Paul foi cedo para a praia mas Juana não estava. De tarde, Anita lembrou-se de acompanhá-lo no seu passeio pelos campos.

— Vamos fazer um pique-nique, num lugar onde possamos ficar sozinhos os dois.

Paul aceitou e mandou encarregar a cozinheira de preparar as provisões.

— Não sei se poderá fazer muitas coisas, avisou-lhe o garçon, pois que as ordens para os pique-niques são em geral dadas de manhã.

Mas a cozinheira enviou-lhes alimentos suculentos. Era cozinheira de fato formidável.

No entanto, o passeio estava longe de ser um êxito. A moça começou logo por dar mostras de estar aborrecida em lugar tão solitário. Declarou que gostava era de passar o verão nos balneários da moda. Paul preferiu calar-se, porque pensava exatamente o contrário. E pensava que se estivesse Juana no lugar de Anita, o passeio teria sido encantador. Quando de tarde começou a chover, Anita mostrou-se enfadada, contando que umas amigas a convidavam para ir a Cannes, e que ela ia aceitar o convite. Convidou Paul para que as acompanhasse, mas ele declinou o convite. Só se preocupava com Juana. Por que não fora a praia? No dia seguinte iria saber...

Despetada com a negativa de Paul, Anita ao voltar dirigiu o carro em grande velocidade e falou todo o tempo. Assim ao chegar a uma ponte tomou por uma curva sem diminuir a marcha; a calçada úmida fez derrapar o automóvel que perdeu a estabilidade e foi bater num morro. A violência do acidente poderia tê-los matado, mas tiveram muita sorte, pois não ficaram nem sequer feridos. Isso foi o que lhes pareceu no primeiro momento. Mas logo depois Paul verificou uma luxação no ombro. Outro automóvel que passou por ali levou-os ao hotel. Veio logo o médico, recomendou ao rapaz absoluto repouso pelo menos por dois dias.

A dona do hotel, muito amável para com Paul, disse porém que precisava do quarto de Anita, que estava tomado apenas por três dias, e no dia seguinte ia chegar o novo hospede, que havia reservado com antecedência. Em todo caso, poderia arranjar-lhe outro... Mas Anita não quis ficar. Ia para Cannes. E assim terminou o episódio de Anita. Paul deixou escapar um suspiro de alívio. Era de noite e estava só no quarto, deitado, fumando cachimbo. Doía-lhe o ombro, mas só de imaginar que podia voltar a estar sozinho com Juana na praia esquecia-se

da dor e se entregava à satisfação desse pensamento. Sentia-se, entretanto um tanto melancólico. Se tinha que ficar na cama dois dias, não podia ir à praia. E quem sabe nesse interim Juana ia embora e não a veria mais? Então lembrou-se da pulseira e dentro do embrulhinho pôs uma carta para Juana. Pediu a Anita um favor. A jovem escutou-o atentamente e perguntou: — Então quer que eu vá até a tal casa branca para entregar este embrulho? Devo esperar resposta?

— Resposta de que? — Ora! da carta que certamente vai aí dentro!

— Como sabia disso? — Imaginei logo. Nós mulheres temos muita intuição em assuntos amorosos.

Paul agradeceu-lhe com um olhar e disse: — Bem, há resposta, sim... quer trazê-la, por favor?

Meia hora mais tarde Anita voltou: — Sinto muito, Paul, mas Anita não mora naquela casa branca. — O quê? exclamou ele alarmado.

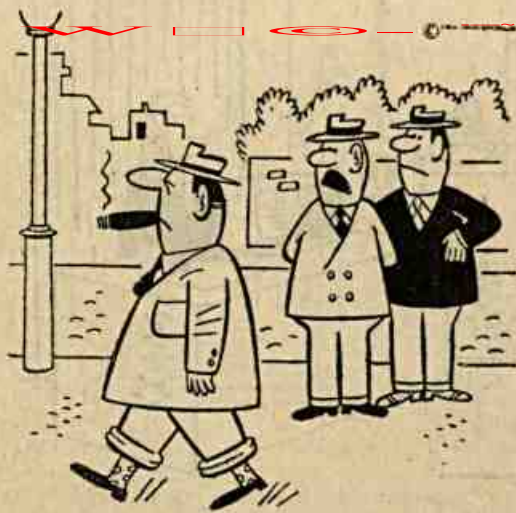
— Não; uma mulher me disse que Juana mudava de roupa ali quando ia tomar banho, mas que deixou de ir há dois dias. Parece que sofreu um desengano por causa de um homem... A mulher não quis dar-me o sobrenome de Juana. Pareceu-me que havia ali qualquer mistério. Em todo caso, deixei lá o embrulho. Ela prometeu entregar o mais depressa possível.

Isso significava que podiam passar dias antes de Juana receber o embrulho! — Não voltarei mais a ver Juana... disse para si mesmo, tristemente, o rapaz. Se Juana não acreditara no que ele lhe dissera, não iria certamente acreditar no que escrevera. À medida que passavam as horas Paul ia ficando mais

deprimido. Anita foi despedir-se no dia seguinte. O carro já estava em condições; Paul viu-a partir aliviado. Em parte culpava-a pelo que estava acontecendo. Perdeu o apetite e quando lhe levaram a refeição matinal que até então comia vorazmente, recusou-a.

A dona do hotel ia vê-lo várias vezes. — Que tal se sente, jovem? — E como ele tivesse recusado também outro café com gulozelmas, mais tarde. — A nossa cozinheira está muito contrariada porque o senhor se negou a provar a comida. Disse que vai trazer ela mesma o almoço para ver se o convence a comer como antes.

Chegou o meio-dia. Alguém bateu à porta. Paul pensou que estava delirando porque viu entrar a cozinheira com enorme bandeja. Era jovem, bonita. E não era nada gorda. Paul abriu e fechou os olhos várias vezes e terminou por convencer-se de que ela se parecia extraordinariamente com Juana. E o nome se lhe escapou da boca: — Juana! exclamou com voz sufocada pela emoção. (Conclui na página 50)



— É o Ferreira! O maior fabricante de meias do país!

bar seus companheiros em câmbio... Não me ajeitei com aquela gente e embora tenha saído dali quase um doutor em ciências como as que exibia o Arsênio Lupin de nossa mocidade, nunca fui um delapidador, um ladrão...

Esse foi o meu primeiro e último roubo. Tive "chançes", e várias na vida, de ficar rico! Basta dizer ao sr. que fui comprador e não recebia suborno, antes me indispunha com o comércio... e o sr. não sabe o que é se indispôr com o comércio!!!

Depois trabalhei numa fábrica. Vi e aprendi muita coisa. Cheguei até a secretariar um inquérito administrativo de um engenheiro que roubava aço, em ordens de serviço falsas... Mas, como esse homem nunca foi condenado, dizem até que hoje em dia está muito bem na vida; eu me destitui... Só não quis ser funcionário público e nem autárquico. Tinha um amigo que me contava as misérias das repartições, e o sr. sabe, eu já conheci as misérias de uma casa de câmbio.

Nesse tempo eu era muito moço, cheio de esperanças, era aquela idade em que "tudo claro parece alvorada"...

Mas... deixemos isso de parte. Recordar é sofrer duas vezes os bons momentos que se viveu... Vamos ao meu caso:

O fato se deu num sábado. As 14 horas mais ou menos. Nesse dia eu estava de plantão na Catedral Metropolitana. A féria estava iracunda. De vez em quando pingava uma pratinha.

Numa casa próxima a igreja, casa, apartamento, pensão, o diabo lá que seja, habitava um rapaz, 24 a 25 anos, que eu conhecia, porque dos homens que por mim passavam, ele era um que por simpatia ou piedade, sempre deixava uma moeda no meu chapéu. Conheço bem os seus hábitos. Sei a hora certa que ele sai para o Banco. Um desses Bancos da Rua 1.º de Março. Vejo que vem almoçar e já me encontro com ele às 18 horas, hora do encerramento de seu expediente, por certo.

Há dias eu o vi acompanhando de uma bela pequena. Não era bem um bruto. Devia ter seus 26 a 30 anos! Mas era bonita. Do, na de uns olhos negros escismadores, de uma elegância de Miss... enfim bonita! Usava um chapéu pequeno, desses que mais parecem de bonecas e que se estabeleceu entre as mulheres que se chamaria chapéu. O jovem falava, insistia. Parecia que estava convidando para ir ao seu apartamento. Ela recusava, afinal, ouvi quando se despediam que ela, vendida, dizia: "Sábado, às 13 horas"...

"Até sábado, bem!" Foram as últimas palavras. Não é isso um romance não, sr. doutor, é uma história banal de todos os dias e em muitas vidas... Por isso é que há tanto desquite, tanta desigualdade de união por aí... amor... ou diabo que seja!

A felicidade é apenas um lampejo, aquele lampejo dos olhos dele, quando ele viu que ela cedia! Os homens são uns tolos, uns vaidosos, e aquele moço, naquela hora, se tirasse os 20 milhões da loteria não estamparia tanta alegria no rosto...

Ah! sr. doutor na vida a gente deve aproveitar o momento que passa... é tudo tão rápido. Amor... ilusão... Até que no sábado...

— O que foi que aconteceu, pergunta o advogado, já sem esconder a sua enorme curiosidade...

Não sei bem, suponho que seriam 18 horas... Ainda estava claro. Era uma tarde de inverno carioca, esse inverno que aqui se estabeleceu como tal... Os dois já estavam no apartamento. Eu conhecia a casa. Foi então que passei a notar, que um senhor, de seus 60 anos (a idade proveta, idade do "robe chambre e do cigarro apagado"... bem vestido, barrigudo, com um colete branco em que aparecia uma bruta corrente de ouro! Já reparou como certos sujeitos pensam que a im-

portância está na roupa ou nas jóias? O homem me parecia nervoso, fora de si, olhava para um e para outro lado... Percebi que mais de uma vez coçava o bolso traseiro... Pensei, ali está o revólver... Vamos ter tragédia!

Pensei. Eu sempre fui meio vidente. Uma senhora espírita chegou a dizer que eu sou vidente... que eu tenho "pinta" de quiromancia!! bobagem. Mas, pensei. Aquilo homem, pelo jeito e pela testa, deve ser o marido enganado daquela linda senhora que estará nos braços do meu querido esmoler! Não tive dúvidas. Esse homem devia ter uma carta anônima no bolso. Essa carta anônima que é em geral a maior demonstração da grande solidariedade humana dos covardes; dos que não têm a coragem de assinar e dar o seu endereço. Esse homem tinha a carta. Corria... subi um longo de escada. Bati na porta do apartamento 22. Ele abriu, sem palitão, pelo lado: Disse-me a mesma roupa. "Ficha a moça sair logo que o marido dela está lá embaixo e armado..."

— Bela ação a sua! diz o advogado.
— Sim o sr. disse isso agora, mas quando me pediram levar tantos pescoços dos heróis populares, por dícos defensores da lei... que certamente eles não pensavam assim...

Voltei corrento, o homem examinava os números das casas. Foi então que para tirá-lo dali, para dar tempo de fugir, que a idéia terrível me ocorreu. Não refleti um só minuto. Zás. Com rapidez passei pelo bom homem, arranquei-lhe a corrente e ele saiu atrás de mim a gritar: "Pega ladrão!!"

Sim, sr. doutor. Eu era o ladrão do seu relógio! O outro era um belo moço ladrão da sua honra... Mas repare que um homem sabidamente enganado, entre ficar no local para apressar a mulher com a boca na botija, não titubeou; entre perder a honra ou o relógio, preferiu a primeira e logo adiante ele e outros me prenderam! Deixei-me agarrar. Era para que o casal gansasse tempo. Mais tarde em casa, ela contaria a história a seu talante e ele como todo marido enganado, que não se limita a vender o sofá, apenas diria: "Onde estive até esta hora!" Na costureira... E as lhinhas e as agulhas pagam o mal que não fizeram. Costureiras... dentistas... colporteiros... chapelheiros... etc. são às vezes ótimos subterfúgios! Mas eu não sou professor de mulheres levianas... Fala-lhe na carta anônima que ele não acreditaria e que até trazia para que ela a rasgasse... Ah, há aquele belo doutor cinema... e pronto. Quem perdeu com a história foi eu... Estou preso! Acabou-se a história, podendo doutor assobiar agora para ter um bom fim musical.

A vida... o cinema... iguais, não é?
— Saberá V. meu jovem cliente que é um grande homem de bem?
— Não. Está exagerando! Sou um ladrão vulgar. Mas creia nesta filosofia: um homem ao encontrar um ladrão que lhe rouba a esposa, e um outro que lhe abusa o relógio, deixa fugir o primeiro para ter o prazer de mandar para a cadeia o segundo. O meu caso é típico.

— Eu vou fazer uma bela defesa sua. Vai para a rua...
— Não doutor, não se incomode. Eu apenas peço uma dívida de gratidão a aquele moço. Essas dívidas a gente paga logo. Ficam depois pesando na consciência. Com os 4.000 cruzeiros eu já poderei sair da cidade para o campo, olhar o sol, de papo para o ar e com minha filosofia... Esquecerei todas as misérias que Brasil e todas essas misérias que aí estão no nosso imenso Brasil.

Depois, melhor barbeado, com uma bengala grossa voltarei a mendigar. Além do prazer do risco da profissão podem surgir casos como esses...

— Adeus, meu amigo, vou providenciar sua defesa. Tive imenso prazer de conhecer um honrado mendicão.

— Mendigo, sim... quanto a honrado, não sei muito...



— Emissora pobre.

escolas...

trinta mil réis de flores. E também não esqueceria as Mas Finados chegou e havia muito movimento. O Cajú era muito longe. Afinal nesses dias a gente deve evitar de sair, por causa dos atropelos. A tarde visitou o São João Batista, com duas ou três amigas. Teve, assim, ocasião de estreitar um elegante "tailleur" preto.

Mas, no dia seguinte, foi do asilo que lhe telefonaram, pedindo que fosse buscar a maleta de Dona Joaquinha. Tinha a tarde livre, então meteu-se num ônibus e empreendeu a travessia da cidade. A tanto obriga uma velha amizade desinteressada, lá pensando.

A irmã superiora recebeu-a com amabilidade e contou-lhe que a velha expirara em plena graça do Senhor. Deixara, como único bem material, aquela maleta que ali estava. Como D. Clarita era a melhor amiga da falecida, a administração julgara de seu dever entregar-lha.

Clarita hesitou. Como carregar a maleta, pelos ônibus, até Botafogo? Tomar um taxi, só por isso, seria muito caro. Resolveu, então, abú-la, ali mesmo. Caso tivesse alguma coisa que pudesse ser útil às outras velhas asiladas, faria a distribuição. E guardaria, possivelmente, algum objeto para si, como lembrança de Dona Joaquinha.

Encontrou algumas roupas usadas, pequenos objetos inexpressivos, tais como duas escovas de dentes velhas, um pente, dois vidros de remédios vazios, um número atrasado da Revista da Semana, uns chinêlos sovados, uma lata de aveia, vazia, o retrato do primo de Canudos. E, ao fundo, num envelope, a quantia de 100\$!

100\$! Clarita parou um momento, estupefacta. Como conseguira a velha reunir tanto dinheiro? Guardou o envelope na bolsa e também o retrato do primo de Canudos. O resto das coisas dividiu entre as asiladas, que se disputavam avidamente as roupas, a maleta e os chinêlos.

De posse do número da covara-rasa de Dona Joaquinha, foi esperar o ônibus na esplanada. Coitada! lá pensando, por que teria guardado aqueles 100\$? Eram certamente fruto de uma economia feita a custa de muitos sacrifícios! Com que intenção os teria reservado? Porque Dona Joaquinha! E fez o firme propósito de ir ao cemitério levar-lhe uma porção de flores. Pelo menos, uma grande parte da quantia seria empregada nisso. O resto, entregaria à A. A. N., para ser distribuído entre os pobres.

O ônibus veio e Clarita seguiu pensando na velha morta. As ruas iam-se sucedendo. As lojas de comércio, com suas vitrinas super-carregadas e os anúncios escandalosos. Casas de móveis, alfaiates, sapatarias. Sapataria... ah! era verdade! como estava precisada de uns sapatos pretos para ir à próxima reunião da A. A. N.! Os seus já estavam bem usados, sobretudo no biqueira, na frente, que era o ponto justamente mais visível. E as outras damas de caridade, suas companheiras da Associação, eram tão elegantes! Moreira, então, andava num luxo!...

Tinha, entretanto, que esperar até o princípio do mês. Sua mesada estava esgotada e não podia recorrer à verba das despesas da casa, pois que, com a carestia da vida, cada vez mais exigua se ia tornando. O marido praticava era de ser aumentado! Faziam figura, entretanto tinham tão pouco! Principalmente agora que andavam com vontade de comprar automóvel. A vida em sociedade, tinha suas exigências, suas necessidades. Nem só de pão vive o homem... E Clarita lá pensando. E o pensamento lhe veio, claro, lógico, indiscutível. Comprar os sapatos com os 100\$ de Dona Joaquinha. As flores e as escovas ficariam para depois, para o próximo mês, quando recebesse a sua mesada. Afinal, não havia pressa. A velha não deixava de estar enterrada por isso. E os pontos a quem iria dar o dinheiro não haveriam de morrer até o outro mês.

Desceu do ônibus na cidade, para tomar outro, muito rápido. Sentia-se tão bem, nem parecia que vinha de tão longe. E espiava as vitrinas das sapatarias, comparando preços e feltros. Chegando à casa, guardou no fundo da gaveta da cômoda, o retrato do primo de Canudos.

Foi à reunião da A. A. N. e a muitas outras. O mês seguinte chegou. A mesada foi absorvida por outras necessidades mais imperiosas. Os meses correram, céleres. Quando se lembrava das flores que tivera intenção de levar à velha amiga, recorria a um subterfúgio inconsistente: ficava para finados... Nesse dia levar-lhe-ia uns

A vida social de Clarita tornou-se avassaladora. O marido subiu de posição. Estava ganhando mais. A existência se lhes decorria amavelmente. Tinha conseguido uma grande vitória: fora eleita Presidente da Associação de Auxílios aos Necessitados. Choviam os elogios pela imprensa. Os convites para festas choviam também. Clarita divertia-se a valer. Quase nunca parava em casa.

Num dia de chuva, em que estava gripada, resolveu, porém, não sair. Pelo telefone desmarcou compromissos. E pôs-se a fazer acumulações, para matar o tempo. Jogou fora velhas fitas, rasgou cartas, deu às criadas meias desfiadas e blassas fora de moda. Estava com uma febre incrível de rasgar, jogar fora, limpar, arrumar, lá aproveitar bem o dia para botar tudo em ordem.

Ao abrir a gaveta da cômoda, remexendo objetos dispersos, se lhe deparou o velho retrato do primo de Dona Joaquinha que combatiera em Canudos. Dona Joaquinha!

Como um pensamento incômodo, avelha costureira resignada voltou-lhe à memória, ora curvada sobre a costura, ora torcida de dor, pelo reumatismo, na cama, no seu quatinho humilde... E aqueles 100\$! Por que os teria reservado? Isso ainda lhe causava certo pasmo! Como pudera a velha botar aquela quantia de lado, sem ter nada, nada mesmo! Ela, que tinha quase tudo, nunca conseguira economizar coisa alguma! Coitada de D. Joaquinha! E as flores que, afinal, nunca lhe levava...

Deteve um instante os olhos na fisionomia carrancuda do primo de Canudos. Um pensamento afinal de contos grotesco, aquele! Do, na Joaquinha apaixonada! Devia ter graça... Como se animariam aqueles olhos sempre tão apagados, como bateria aquele peito, como murmurariam palavras de amor aqueles lábios secos e pálidos?...

Hesitou, um momento com o retrato nas mãos. Ao lado do chão, estava um montão de papéis rasgados, de

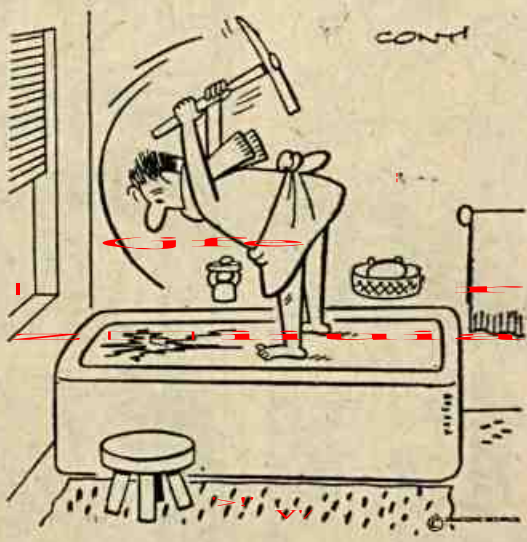
trapos, de objetos inúteis que iam para o lixo. O primo de Canudos... Aquilo condensara toda a triste existência falhada de Dona Joaquinha. Dona Joaquinha apaixonada...

Não se pode impedir de fazer um imperceptível sorriso. E tomando uma súbita resolução, rasgou a fotografia em quatro pedaços.

A seguir tirou da gaveta uma notícia recortada de um jornal. Era a descrição, no Correio da Manhã, do que tinha sido o ato da sua posse no cargo de Presidente da Associação de Auxílios aos Necessitados. E lá começava um trecho em que o articulista se referia à "benemerita intervenção nos lares pobres desse verdadeiro anjo da caridade que é a senhora D. Clara Uchôa".

Clarita sorriu satisfeita e fez seus projetos para para o dia seguinte. Antes de ir à A. A. N., passaria pelo cabeleleiro a fim de fazer as unhas. Depois... Mas os 100\$ da morta lhe voltaram ainda, páidamente, à lembrança. Ora! que eram 100\$? Para dirigir à A. A. N. ia precisar de tantos contos de réis por mês! 100\$ eram uma quantia, afinal de contas ridícula. Além disso, gastar dinheiro em flores em cima de um túmulo era bobagem: as flares logo murcham. Nem valia a pena pensar.

E, com a sua volubildade habitual, mudou logo o pensamento para um "bouquet" de flores artificiais que viria numa vitrina e que iria comprar no dia seguinte, porque combinariam maravilhosamente com o seu vestido azul.



O DIÁRIO DE UMA DEVIDA

POR
STAN
CHAKE



Eva e Nanico ainda nos estão seguindo, Travis?

Acho que sim, Dorotéia.

STAN CHAKE



Não são realmente crianças queridas e devotas? Embora, na verdade eu não compreenda porquê nos seguem para todos os lados que vamos.



Sou de opinião, minha cara Dorotéia, que elas me julgam um desses reles aventureiros, escondendo uma alma cheia de más intenções!



algum tempo. Na semana passada, Eva chegou a trepar no muro de minha casa!!

Não diga! Mas para quê?



Você não tem coração, Eva? Estou pregado, sem coragem e com um bruto frio!

Veja só quem fala de coração!... Quando uma de nossas melhores amigas corre o risco de ser vítima nas garras de um tarado... e vem você me falar de ir para casa!!



Estão entrando no cinema. Aposto milhões, meu caro, que este será um caso para a Polícia Técnica!

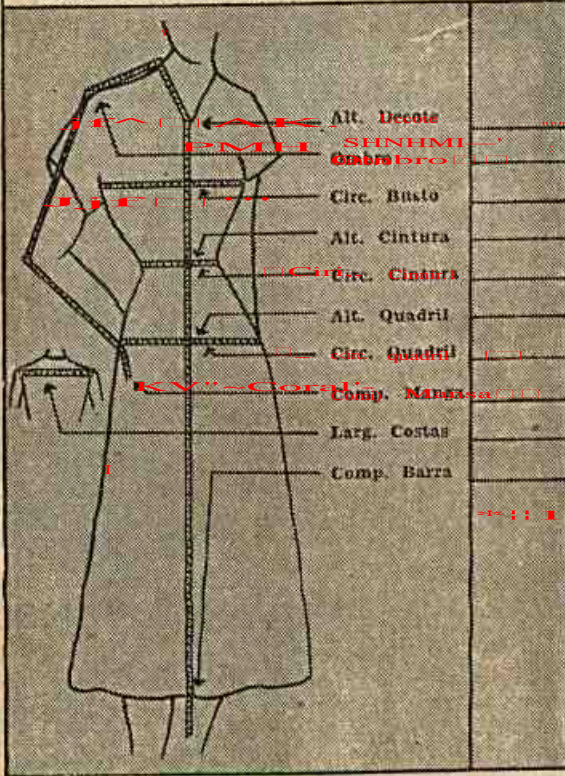


Estou certa que estas duas crianças são apenas infantis e inocentes. Não podem ter pensado tais maldades a respeito de ninguém, e muito menos em relação a você, meu caro!

STAN CHAKE
12-25

(Continua no próximo número)

Como tirar medidas pelo MÉTODO "FOUFEMODE"



A jovem avançou, sorridente. Deixou a bandeja na mesa e depois aproximou-se da cama. Com voz também emocionada murmurou: — Recebi tua carta, Paul; também recebi a pulseira... e... também a moeda de ouro que mandaste pelo garçon. Não adivinhaste que eu sou a cozinheira do hotel? Se queres, posso prová-lo: tenho diplomas e mil coisas que me acreditam como tal. Além disso, este hotel me pertence em sociedade com a srta. Clara, que é minha tia. Costumo manter-me afastada dos hóspedes porque eles gostam de convidar-me para passear e se sentem ofendidos quando nego, alguns chegam a ir embora do hotel, prejudicando com isso nosso negócio. — Mas por que não me disseste logo isso tudo? perguntou ele. — E porque temia que a nossa amizade se malograsse e queria guardar de ti uma bonita lembrança. — Mas, por que, Juana? — Porque essa amizade começara a significar demasiado para mim, Paul. E claro que só por isso quando me contaram o horrível acidente que sofrereste. Pensei que iam morrer e desesperar-me. E compreendi que te amava... Oh! se soubesses! Pela primeira vez, nessa noite, deixei a comida queimar. E em lugar do prato delicioso que queria servir-te, tive que conformar-me em mandar-te conservas! Como vês, por tua causa, amei a minha fama de boa cozinheira.

— Oh! exclamou Paul comovido.
E pensando que era de dor no ombro que ele se queixava, Juana beijou-o ternamente.

EM QUALQUER PONTO DO
BRASIL QUE V. S. RESIDA

O MUNDO
PORTUGUES

UM JORNAL PARA O BRASIL E PORTUGAL

ESTARÁ TODAS AS SEMANAS AO
SEU ALCANCE. SEJA ASSINANTE
DESTA MODERNO SEMANARIO E ES-
TEJA EM DIA COM OS ACONTECI-
MENTOS DA PATRIA DE GAMÕES!

Assinatura:

Av. Rio Branco, 277 - 12.º - Grupo 1.203

Fone 32 - 0499

RIO DE JANEIRO

JUNTO A IMPORTANCIA DE CR\$ 5,00 EM SELOS
DE CR\$ 0,50 PARA QUE ME REMETAM O MOLDE
DO MODELO Nº. 2000, DO FON-FON DE
DE DE 1955, DA PAGINA...
DE ACÓRDO COM AS MEDIDAS ANEXAS.
NOME
ENDERÇO
CIDADE ESTADO

NÚMEROS ATRASADOS
DE "FON-FON"

PODEM SER ADQUIRIDOS A RUA PEDRO
ALVES, 60, OU SOLICITADOS PELO COR-
REIO. INFORMAÇÕES MAIS DETALHADAS
PELOS TELS.: 23-5180 — 23-6282 e 43-1527.

POMADA
MINANCORA
NUNCA EXISTIU IGUAL

PARA FERIDAS,
ECZEMAS,
INFLAMAÇÕES,
COCEIRAS,
FRIEIRAS,
ESPINHAS, ETC.

FON-FON

Edição especial
dedicada
a



PORTUGAL

DE ONTEM

DE HOJE



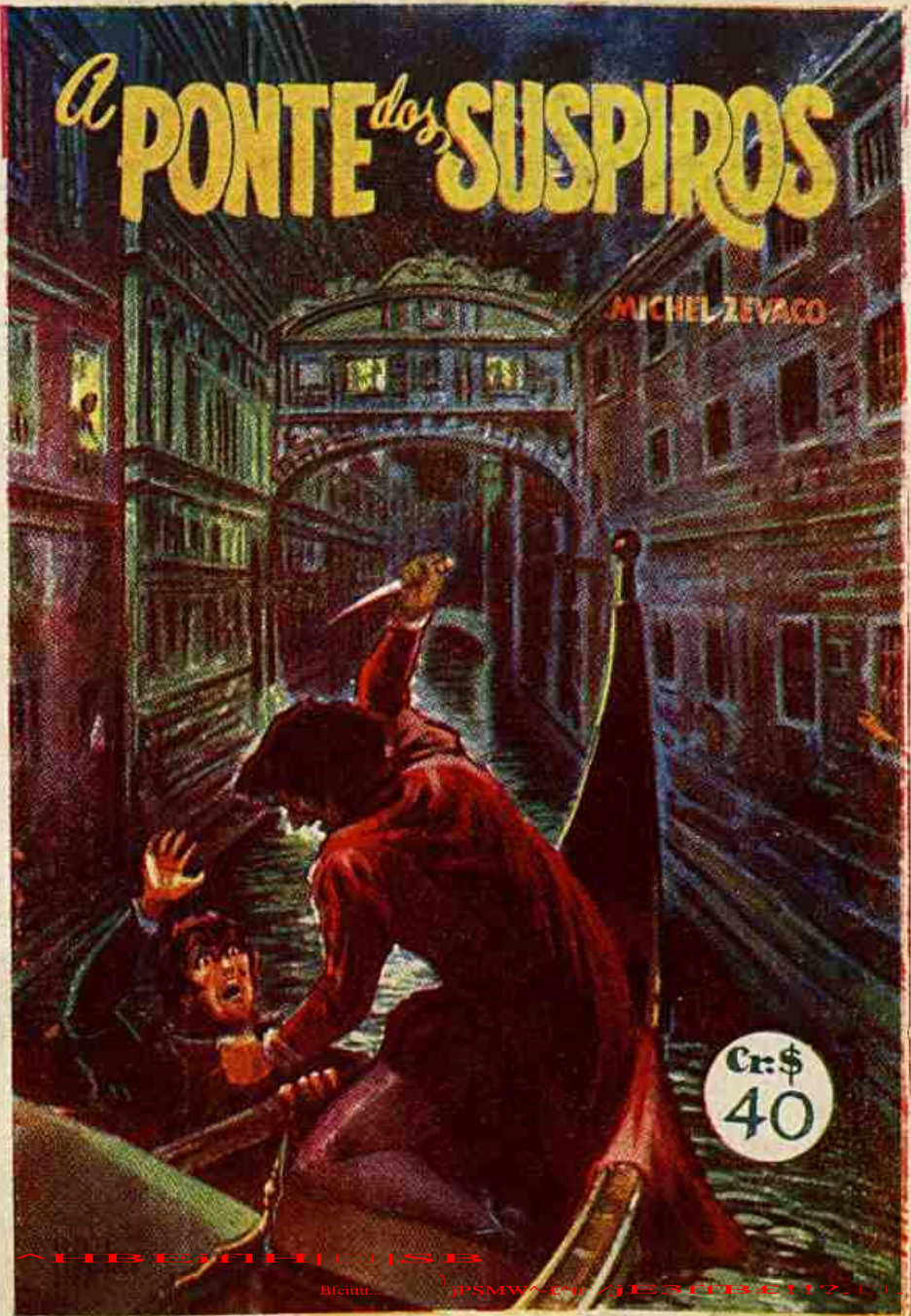
Leda Sá



NAS BANCAS

A PONTE DOS SUSPIROS

MICHEL ZEVACO



Cr: \$
40

A GRANDE OBRA DE MICHEL ZEVACO INTITULADA "A PONTE DOS SUSPIROS" JA SE ENCONTRA A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS, NUM PRIMOROSO VOLUME DA COLEÇÃO DE BOLSO "FON-FON". OS PEDIDOS DO FAMOSO

ROMANCE PODERÃO SER FEITOS PELO SERVIÇO DE REEMBOLSO POSTAL, DIRETAMENTE A COMPANHIA EDITORA "FON-FON" E "SELETA" S. A. — RUA PEDRO ALVES, N.º 60 — CAIXA POSTAL N.º 97 — RIO DE JANEIRO.